O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIV

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 12 DE JANEIRO DE 1895

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:433

E' um dos nossos correspondent s em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A constituição e a dictadura.—Origem do encerramento das côrtes.—Intervalo comico.—Com vista ao sr. Jayme e correlativos coripheus.—Ainda a suppressão dos districtos.—Assumptos da Figueira.—Carta de Lisboa.—A irresponsabilidade.—Corrupção e violencias politicas.—Para que paga o povo.—Documentos honrosos.—Influencia do progesso nas industrias caseiras e domesticas.—Noticias diversas.—Folhetim: Magdalena.—Pelo estrangeiro.—Secção scientifica.—Noticiario.

AVEIRO

A constituição e a dictadura

Fallaram finalmente os tribunaes na questão dos impostos lançados e cobrados em dictadura. Foi em Anadia que se iniciou a resistencia ao attentado constitucional, apoiando-a em nome da legalidade um distincto membro do poder judicial, filho do districto, pois é natural do concelho e comarca de Vagos, o sr. dr. Joaquim Corrêa da Rocha Martins.

O sr. conselheiro José Luciano de Castro recusou-se a pagar as suas contribuições directas na importancia de 108$000 reis, por não haver lei que tal determinasse. E como ninguem pode fazer ou deixar de fazer alguma cousa senão em virtude da lei, s. ex.ª deu ordem para que fosse embargada a execução fiscal, e foram os embargos que aquelle magistrado acaba de julgar.

Ora as côrtes não funccionaram em 1893 porque o ministerio não só não quiz reunil-as, como tambem as dissolveu. Depois addiou a eleição. Feita esta, addiou a convocação. O medo tinha-se apoderado do executivo, concorrendo para isso com enorme contingente a torpe negociata do porto de Lisboa que, como todos sabem, é farto repositorio dos mais grados escandalos.

Por medo do parlamento deixou este de auctorisar a cobrança dos impostos directos, entendendo o executivo que podia fazel-o sem a sancção das côrtes. Um contribuinte não se prestou a associar-se a tamanha arbitrariedade. E recorreu para os tribunaes confiado no preceito constitucional, e os tribunaes vieram desaffrontar a magestade das leis violada pelos miqueletes do poder.

Quando actos d'estes se revelam no meio das podridões que enervam a sociedade portugueza, todos os homens de bem se sentem consolados pelo testemunho de respeito pelas instituições e de acatamento pela opinião publica. O acto d'aquelle magistrado não é só a prova provada da independencia do seu caracter e da honestidade das suas intenções. Sabia elle que a sua coragem civica havia de despertar as iras dos iconoclastas, que só adoram o bezerro d'ouro. Os farricócos ministeriaes esbravejam como energumenos, e conclamam inconscientemente que o juiz restabelecendo os principios constitucionaes em materia de tal ponderação, *errou constitucionalmente (sic) e abusou*... Parece incrivel que tão supina ignorancia esteja ao soldo dos cofres da policia. O sr. ministro do reino deve dar baixa de posto ao escriblero rafado, que chama erro constitucional ao cumprimento expresso do pacto fundamental da monarchia! Estão a roubal-o, sr. João Franco. Mande os escribas para os commissariados de policia, mas não consinta que elles indibiriem o publico e escarneçam o executivo no proferirem as blasfemias que nem sequer seriam desculpaveis n'um principiante de letra redonda.

Como é que o juiz d'Anadia absolveu? Se lavrou a sua sentença conforme o preceito constitucional, e se o executivo mandando cobrar impostos, lançando-os de motu proprio, sem estar para isso devidamente auctorisado, o abuso praticaram-n'o os ministros que saltaram para fóra da constituição, sem que os seus decretos podessem obrigar os tribunaes a obedecer-lhes.

Não pertence ao poder judicial julgar os actos dos outros poderes; mas cabe-lhe, e só a elle, a faculdade de applicar as leis. Ora não havendo lei que auctorisasse a cobrança, os ministros não podiam fazel-a, e se a fizeram, exorbitaram, praticando um abuso de poder.

Ahi ficam pois bem acentuados os erros das dictaduras, e o que é preciso fazer para as expulsar de vez, é restabelecer afinal o imperio da lei.

O andamento regular do estado não pode nem deve depender de dictaduras. E' preciso condemnal-as em todas as instancias. E o Supremo Tribunal de Justiça, não ha de querer macular-se fazendo obra por decretos dictatoriaes, quando estes nem sequer teem a escudal-os a votação das côrtes relevando os ministros dos abusos e infracções que praticaram. Só depois de votado o bill de indemnidade é que taes diplomas podem ter execução. Antes d'isso, não, que o mesmo seria que declarar o arbitrio como senhor absoluto d'estes reinos, usurpando o direito de propriedade, e sequestrando a liberdade e a vida dos cidadãos.

ORIGEM DO ENCERRAMENTO DAS CORTES

Já aqui dissemos que o encerramento abrupto das côrtes tivera a sua origem na tratação do porto de Lisboa feita ás portas fechadas pelo actual ministerio, não tendo sido ainda publicado no *Diario do Governo* o respectivo decreto. Já lá vão oito mezes que foi firmado o contracto, que nem sequer foi apresentado ao parlamento, com quanto no *bill* de indemnidade se embrulhasse a questão para que a camara a votasse sem a discutir.

Encetamos hoje a publicação de uma serie d'artigos, que appareceram n'um jornal de Lisboa, *Le Portugal Financier*, e que lançam sobre a questão muita luz, exclusivamente na parte technica, que foi alli tratada magistralmente.

Sobre o assumpto chamamos a attenção da imprensa e do paiz, pois é um dos maiores desaforos dos tempos modernos. A' vista do contracto das obras do porto de Lisboa, é insignificante o que se passou com a Mala Real e aluguer do *Cazengo*, o que succedeu com as cazas do Porto, com a compra do medalheiro d'um 40 maior contribuinte da mesma cidade, e ainda com terem-se esgotado já ha muito certas verbas do orçamento das obras publicas. O *Diario Popular*, se quizer entreter-se discutindo aquella cornucopia de... esbanjamentos, e mesmo as *Novidades* que só faz cazo de cousas minimas, encontrarão nas obras do porto de Lisboa materia que farte para demonstrar o despejo e a devassidão dos tripulantes da nau do estado, que desmastreada e sem leme navega em mares procelosos.

Leiam e admirem, se ainda ha que admirar no que se passa nas altas regiões da politica e da administração.

O NOVO CONTRACTO DAS OBRAS DO PORTO DE LISBOA

I

Começa a desvendar-se um pouco o mysterio em que tem estado involvido o — novo contracto das obras do porto de Lisboa — ultimamente levado a effeito, muito a occultas, pelo governo com o mais feliz dos empreiteiros que teem pisado terra portugueza, o setrangeiro H. Hersent.

Apesar das folhas governamentaes se não terem empenhado muito em demonstrar as excellencias de tão *boa obra*, como (e tanto mais quanto é peor a causa que defendem) tem sido sua pratica, ultimamente seguida, ao tratar-se de qualquer das muitas questões de que o governo se tem occupado e cujas soluções formam a inniterrompida serie de desastres com que fará bem assignalada a passagem dos actuaes ministros pelas cadeiras do poder, nem por isso aquelle mysterioso contracto deixará de ter um logar de honra entre estes desastres.

Pelo que ao nosso conhecimento vem chegando, não sabemos que mais havemos de admirar em tal assumpto, se a falta de consciencia com que se malbaratam os dinheiros da nação e se descurram as suas mais vitaes conveniencias em materia que muito interessa ao seu desenvolvimento futuro, se a ousadia com que se exorbita d'uma auctorisação parlamentar, alterando-se em ponto essencial o plano geral das obras que serviu de base ao primitivo contracto Hersent, plano que, só depois d'uma longa serie de projectos e de terem sido consultadas todas as estações competentes e ouvidas todas as corporações que ao assumpto tinham ligados importantes interesses, foi definitivamente estabelecido e approvado.

Era de prever que para a obstinação do governo em nada publicar, nem do novo contracto, nem das obras que d'elle são objecto e que estão já sendo executadas, alguma rasão d'aquelles que temem a luz deveria haver: — essa rasão, outra não é senão a pretenção de prohibir criticas que para serem justas teem de ser acerbas, pois teem de ter por assumpto, por uma parte o esbanjamento praticado de um dos mais valiosos recursos de que o paiz poderia esperar a sua proxima restauração economica, por outra parte as prejudicialissimas alterações introduzidas a occultas no projecto primitivo. Com estas alterações o governo só para beneficiar o empreiteiro, ou para ceder ás suas gananciosas imposições, vae inutilisar trabalhos ja feitos que custaram ao paiz grossas quantias, ao mesmo tempo que vae prejudicar o proseguimento futuro das obras, segundo o plano geral adoptado, condição esta que muito claramente se impoz na auctorisação parlamentar com que se muniu para fazer o novo contracto.

D'esta auctorisação pode affoutamente dizer-se que, se era horrorosamente má na sua concepção, muito peor ainda ficou pela forma porque o governo se utilisou d'ella. Apresentada ao parlamento na sessão, tristemente memoravel, de 12 de julho de 1893 e quando faltavam para se encerrar o parlamento apenas algumas horas, foi ella apesar d'isto vigorosamente combatida pela opposição, tanto na parte que se referia á questão da companhia real, como na que se referia á das obras do porto de Lisboa, e o que a respeito d'esta ultima questão, á qual agora especialmente nos vamos referir, foi demonstrado no parlamento, com argumentos irrefutaveis, bastaria para levar o governo a reconsiderar sobre o que ia fazer e para que sobre o assumpto se fixasse a attenção de todos e muito especialmente a do commercio de Lisboa que tão violentamente ferido ia ser com o que se intentava levar a effeito.

Que o governo reconsiderasse em presença da demonstração feita de que ia dar, sem nenhuma compensação, ao empreiteiro, o quintuplo pelo menos do que seria rasoavel dar-lhe ainda na hypothese de querer attender a todas as suas reclamações mais que discutiveis, claro está que seria loucura esperal-o; e não auctorisavam uma tal esperança nem a indole esbanjadora do governo, nem os seus precedentes de incapacidade e de desleixo, tantas vezes demonstrados nos assumptos importantes de que se tem occupado.

No que se projectava fazer iam ser sacrificados ponderosos interesses do paiz e a sua propria dignidade?—Mais um motivo para que da parte do governo houvesse o maior escrupulo e a maior isenção, afim de poder tutellar devidamente os direitos e as conveniencias nacionaes.

Era isto o que havia a fazer, principalmente na grave conjunctura em que nos achamos.

Obedecendo a estes propositos deveria ao menos esperar-se que da parte d'aquelles que á questão do porto de Lisboa teem ligados importantissimos interesses, se levantasse a legitima reacção contra a loucura que se intentava fazer; — pois tambem isto não succedeu: — em seguida a ser concedida ao governo a auctorisação, com a qual, como no parlamento se provou, uma vez feito o contracto a que se referia, o paiz e especialmente o commercio de Lisboa, iam ser onerados com pesados tributos, não para beneficiar o estado, o que seria admissivel attenta a despesa por elle feita com as obras, mas para beneficiar, sem rasão, um poderoso empreiteiro estrangeiro, o que se observou foi a mais completa indifferença da parte de todos, inclusivamente d'aquelles que mais directamente prejudicados iam ser.

E foi assim que o governo levou ao fim a sua projectada loucura, conseguindo, quasi sem pretexto, celebrar esse novo contracto das obras do porto de Lisboa, que com tanto cuidado conserva escondido, talvez porque a consciencia lhe dite que ao fazel-o não defendeu como lhe cumpria os interesses e a dignidade do paiz.

Apesar porém do empenho e da guarda a sete chaves com que o governo intenta subtrahir á critica esse mysterioso contracto, o que d'elle já se vae sabendo é todavia bastante para que se possa hoje informar o publico, de que, ao fazel-o, o governo não só não deixou de se utilisar de nenhuma das clausulas da auctorisação parlamentar á qual temos feito referencia, o que, é bastante para que in limine se possa ter tal contracto como um monumental desastre, mas ainda concedeu ao empreiteiro muito mais do que por esta auctorisação lhe era permittido.

São pois, infelizmente hoje, factos consummados:

1.º — Um esbanjamento dos dinheiros publicos na importancia de alguns milhares de contos de réis;

2.º — Uma alteração fundamental no plano geral das obras do porto de Lisboa, feita, não no sentido de lhe serem corrigidos os defeitos que tinha, mas no de lhe serem augmentados novos defeitos que o proseguimento futuro das obras nunca poderá corrigir.

3.º — O ser já hoje presa d'um estrangeiro a exploração do nosso primeiro porto commercial, um dos mais valiosos recursos em que proderia mos fundar a esperança da nossa futura restauração economica.

A critica completa do que é, financeiramente considerado, o novo contracto a que nos estamos referindo, não poderá ser feita senão quando o governo se resolver a trazel-o a publico e quando forem conhecidos o regulamento para a exploração do porto, assim como as respectivas tarifas, peças estas que, segundo nos consta, já foram apresentadas pelo empreiteiro para serem approvadas pelo governo.

Entretanto, para se concluir que tal contracto representa um dos maiores esbanjamentos dos dinheiros publicos que ultimamente se teem praticado, bastará que se saiba, como effectivamente se sabe, que nenhuma das detestaveis disposições da auctorisação parlamentar deixou de ser convertida em clausula do novo contracto, que este abrange uma concessão de entreposto, e que as tarifas de exploração são, em geral superiores e em nenhum caso inferiores ás adoptadas nos portos francezes, belgas ou hollandezes.

Sendo isto assim, a conclusão, a que, em presença dos dados estatisticos do movimento do porto de Lisboa em 1890, chegou no parlamento o distinctissimo engenheiro e deputado o sr. Ressano Garcia, de que o que se ia dar ao empreiteiro, a mais do que lhe seria rasoavelmente devido, montava approximadamente a 1:200 contos, fica muito áquem da verdade.

Que o illustre estadista nos permitta que sobre os seus calculos façamos algumas breves considerações tendentes a demonstrar que a cifra de 1:200 contos em que calcula o lucro, perfeitamente gratuito, do empreiteiro, é muitissimo diminuta.

Calcula o sr. Ressano Garcia em 800 contos, numeros redondos, a importancia das indemnisações legitimamente devidas ao empreiteiro, comprehendendo lucros cessantes, indemnisação por material e installações a mais, indemnisação por accrescimo de despesas, de conservação, etc.

Que este calculo, se é errado é por excesso, póde indirectamente verificar-se por meio de dados fornecidos pelo proprio empreiteiro e por isso a coberto de toda a suspeita de desfavoraveis para elle.

N'um folheto lytographado, distribuido pelo empreiteiro em setembro de 1892, sob o titulo de «*Entreprise du port de Lisbonne*», em que vem colleccionada toda a correspondencia trocada entre o empreiteiro e o governo ou a fiscalisação das obras, em seguida a ter-se levantado a questão do agio do ouro, encontra-se uma communicação do empreiteiro para o director da fiscalisação em que aquelle, depois de declarar que a qualidade de *á forfait* do seu contracto, com clausula expressa de nenhuma reducção lhe poder ser feita na importancia total da empreitada, lhe dava a elle empreiteiro o direito de indemnisação pelos lucros cessantes e pelo valor do material e installações a mais, proporcionalmente á quantia que ao empreitada fosse reduzida, conclue que, não podendo precisar a importancia d'aquellas indemnisações, julgava todavia que não seriam inferiores a 20 por cento do montante d'aquella reducção.

Este *quantum* de 20 por cento, indicado pelo empreiteiro, que facil será reconhecer que é exagerado, é o que nos vae servir para a nossa demonstração.

Mas, antes de irmos mais adiante, e para esclarecimento dos que das peripecias d'esta questão não estejam bem lembrados, recordaremos aqui, muito em resumo, que foi aquella questão do agio do ouro a que, pelo menos apparentemente, motivou, em 1892, o conflicto entre o governo e o empreiteiro: — Tinha este reclamado, logo em seguida a ser decretada a inconvertibilidade em ouro das notas do banco de Portugal, para que a mais do preço das obras, consignado no contracto, lhe fosse pago o agio do ouro pela importancia de um terço da dotação annual das mesmas obras, quantia esta em que elle computava a importancia dos seus fornecimentos no estrangeiro.

Não sendo esta reclamação attendida pelo governo, o empreiteiro recusou-se a continuar com os trabalhos e a isto seguiu-se, nos termos d'uma clausula das «Condições geraes de empreitadas de 1861», o ser ordenada pelo governo, em portaria de 26 de julho de 1892, a posse administrativa das obras e a sua continuação por administração do governo e conta do empreiteiro.

Poremos aqui de parte a questão sobre se este procedimento do governo foi perfeitamente legal e sobre se é acceitavel a doutrina defendida pelo empreiteiro ao intentar pôr-se ao abrigo do direito internacional, sentenciando elle mesmo em causa propria, que o contracto de 20 d'abril de 1887 estava rasgado, *porque o governo* tinha faltado ao seu cumprimento. Questões são estas que, ao presente e para o fim que temos em vista, só teem um muito diminuto interesse.

O que todavia parece certo, e que muito convirá aqui accentuar, é que, ao recusar á continuação dos trabalhos, e não pagamento do agio do ouro, foi antes um pretexto de que um motivo real. Na verdade, segundo o estipulado n'aquelle contracto de 20 d'abril de 1887, tinha o pagamento ao empreiteiro de ser feito parte em dinheiro, parte em terrenos conquistados ao Tejo, cotados na razão de 10$000 réis por metros quadrado, parte em obrigações de 500$000 réis e juro de 5 por cento cotadas na razão de 76$850.

Uma tal forma de pagamento, que deveria reputar-se vantajosa para o empreiteiro na época em que foi feito o contracto, tornou-se-lhe infallivelmente em causa de grandissimos prejuizos desde que estava manifestada a crise financeira, pois isso que, depois d'elle nem seria possivel vender aquelles terrenos pelo preço que lhes tinha sido attribuido, nem collocar aquellas obrigações pela cotação com que figuravam no contracto.

Outras circumstancias, não menos desvantajosas para o empreiteiro, accresciam ainda: — era a de que, nos trabalhos que faltava executar, áparte uma pequena porção d'elles de construcção relativamente facil, se comprehendia a parte mais importante dos de construcção mais custosa e que menores margens para lucros offereceria; e, além d'isso a de que, para ser levado á cóta d'agua, prevista no projecto, o fundo de duas docas, era necessario executar a escavação submarina de rocha na quantidade d'algumas centenas de milhares de metros cubicos, trabalho este que no orçamento era contado á rasão de 1$000 réis por metro cubico, quando era certo que deveria custar pelo menos quatro ou cinco vezes esta quantia.

Por todas estas circumstancias, mais talvez do que pela do não pagamento do agio do ouro, era critica a situação do empreiteiro, e por isso se percebe bem que outro procedimento não haveria a esperar d'elle, senão o de, sob qualquer pretexto, que a fortuna lhe fosse deparando, reclamar sempre, reclamar por tudo.

A reclamação do pagamento do agio do ouro era o primeiro passo dado segundo esta tactica, e não poderá por certo hoje dizer-se, apezar do insuccesso dos primeiros momentos, que não tenha aquelle passo do feliz empreiteiro conduzido a uma das suas mais brilhantes victorias, graças á inhabilidade dos nossos governantes.

Feito este resumido memento historico, retomemos a nossa começada demonstração.

Intervalo comico

O patriotismo está para os patarates na razão directa que teem para foliar por essas ruas em noites frigidas, indo no couce das philarmonicas botando foguetes e soltando vivas á liberdade. E maior algazarra fazem os ditos pataratas ao calumniarem o proximo, só porque este alludiu ao ter o sr. Jayme escripto extensas palinodias contra a conservação do districto, que não era do agrado de s. ex.ª antes de se anichar na agencia do banco, mas que depois de anichado não deseja que vá á vela nas reformas irreflectidas e mal aliuhavadas do seu interessante amigo o sr. João Franco. Não, que a cousa era seria, e não valia a pena perdel-a, a troco de ser amigo d'um governo que collocou Aveiro para a incidencia do imposto industrial em tão subida posição, que todos os industriaes ou quasi todos estão a chiar com taes amabilidades que lhes impõem pezadissimos sacrificios.

Mas para desculparem os que pozeram na rua as philarmonicas e deitaram foguetes por não ser verdade o que se dizia ácerca da extincção do districto, o que não merecia louvor nem vituperio, os pataratas reeditaram a calumnia desmentida ha já uns bons 28 annos, de que o proprietario do *Campeão* tinha votado em côrtes pela extincção do districto, tudo para desculparem o sr. Jayme de ter escripto na *Provincia* contra a conservação do mesmo districto, que por semelhante facto não pode ser-lhe agradecido. Ora o caso da votação foi esclarecido em 1867 e os calumniadores, pilhados em flagrante mentira, bateram em retirada. Agora reincidem na tonteira, e como não podem desculpar o seu Acchates pelo que escreveu, mordem a propria lingua, repetindo insulsas loas, como quem diz fazendo contrabando mesmo nas barbas da guarda fiscal.

Mas que dizem? Se a noticia do *Janeiro* foi balela, para que serviu a musica e o foguetorio? Pois faz se festa sem haver motivo para ella? Alegres dizem elles que andavam. Pois seja assim. Arranjaram para isso pretexto e aproveitaram-n'o. Ninguem lhes póde levar a mal o regosijo, visto que a si proprios trataram de mistificar-se, já que o povo não se illude com taes manigancias.

E o medo que inspira o sr. Jayme! Santo Deus! não sabemos se é das barbas, se dos pés.

Que sagazes nos saíram os pataratas! São finos como o alambre. E estavam calados com essa!

COM VISTA AO SR. JAYME E CORRELATIVOS CORIPHEUS

Lê-se no *Primeiro de Janeiro*, de quarta-feira:

«*Lisboa, 8, ás 6 h. e 25 m. da noite.*—Apezar do desmentido publicado n'uma folha d'Aveiro, *posso affirmar* que na projectada reforma administrativa o *governo* (?) *tinha já condemnado* aquelle districto, bem como os outros que mencionei. O governo (?) soube da profunda impressão que a noticia causou no paiz e *mandou-a desmentir, receando consequencias graves.* A informação foi-me dada por um truefo regenerador e é *notorio* que alguns amigos do governo (?) tem divulgado ha dias que pela projectada reforma *será reduzido o numero dos districtos.*

Do que se duvida é de que o governo tenha tempo e força para a promulgar.»

O que refere o correspondente do *Janeiro*, está pedindo mais musica e foguetorio. O' meu rico sr. Jaymel bote v. ex.ª mais epistolas, faça como S. Paulo, não dirigindo-as aos corinthios, mas ao rabino-mór d'estes reinos, o grande João Franco, a supplicar-lhe que realise o seu bello ideal, a supressão do districto, que v. ex.ª apregoou na *Provincia* como destinada a favorecer os interesses da bella princeza do Vouga!...

E depois... o diluvio para lavar todas as impurezas de uma politica torpe e antipatriotica.

E no fim venha o hymno da carta com os vivas dados á liberdade.

AINDA A SUPPRESSÃO DOS DISTRICTOS

O *Correio Nacional* dá-nos a *grata* noticia de que, apesar das promessas em contrario, continua a fallar-se do caso. Na sua n.º de 9 do corrente a folha alludida diz:

«Continua a dizer-se que vão ser supprimidos varios districtos, algumas comarcas e muitos concelhos. Como era de calcular esta noticia provoca geraes attenções, apesar dos outros acontecimentos importantes que teem prendido o espirito publico n'estes ultimos dias. Relativamente á suppressão do districto de Aveiro a ideia foi posta de lado completamente. Por telegramma do sr. João Franco a um deputado residente em Aveiro foi annunciado que o governo não pensava em semelhante coisa. Ainda assim continuam as suspeitas de que o governo supprimirá os districtos de Villa Real, Santarem, Leiria e Portalegre. Como observadores imparciaes sempre vamos notando que este projectado arrancar das vinhas politicas em certas regiões ameaça indispor alguns dos proprios viticultores governamentaes. O *Diario Popular* defendeu logo com desassombro a existencia das parras de Santarem. Tudo leva a crêr que appareçam mais viticultores ministeriaes ainda mais dedicados que mostrem, no entretanto, que as suas plantações são de vides resistentes. E ahi está como um seculo depois do marquez de Pombal já é mais difficil podar as vinhas pela raiz, inclusivamente por causa dos proprios amigos do sentenciador!»

O *Correio Nacional* é, sem contestação, um dos jornaes mais bem informados de Lisboa, e elle que falla assim é porque tem informações de boa fonte.

Com Aveiro não se mecherá, é para nós de fé; mas com relação a outros districtos não ha certeza de que tenham de soffrer garrote. Ha de valer-lhes a fraqueza do governo, que, seja dito *sem offensa* de tão alto poder, não está já para commetimentos de força.

ASSUMPTOS DA FIGUEIRA

O que se fez no dia 7 do corrente na Figueira é o mesmo que se fez em muitos outros pontos do paiz, e tudo isto para que as gazetas ministeriaes possam dizer que o governo venceu as eleições das commissões do recenseamento na maioria dos concelhos.

O que alli se passou dil-o a carta que d'alli recebemos e que segue:

Figueira, 8.—Realisou-se hontem a eleição da commissão do recenseamento eleitoral, na qual os regeneradores quizeram mostrar mais uma vez ao governo a sua *grande influencia!* Isto não foi eleição, foi uma batota indecente. Permittam-me a expressão, porque o caso não merece outra. Como os regeneradores se viam perdidos, porque tinham apenas 16 dos quarenta maiores contribuintes, arranjaram uma lista authenticada pelo secretario da camara, na qual estavam incluidos quatro individuos da sua parcialidade politica, que não tinham sido inscriptos no recenseamento das quarenta maiores contribuintes, e por essa lista fizeram a chamada. Os quatro individuos, a que me refiro, são os srs. Constantino José de Sousa, Elysio dos Santos Féra, Manuel Xavier, e dr. Luiz Adriano de Magalhães Menezes e Leacastro, este ultimo juiz da Relação de Lisboa, e que não póde por esse motivo ter aqui o seu domicilio politico, como é expresso no art. 34.º da lei de 21 de maio de 1884.

Tendo os progressistas conhecimento d'este facto, abstiveram-se de comparecer, e por parte de dois cidadãos eleitores foi apresentado um protesto verbal contra esta *batota*, protesto que a mesa não quiz inscrever na acta, mas que depois foi feito por escripto e entregue á mesa, para o enviar juntamente com o processo da eleição, o que provavelmente não fará, pelo seu facciosismo politico, sendo por isso que o mesmo protesto foi em seguida feito perante um tabellião, para ter o devido seguimento, alem do mais procedimento que se vae intentar, para castigar o atrevimento de um mandão inepto que dirigiu toda esta batota. E' como elles são em toda a parte.»

Em vista d'isto o remedio unico, por emquanto, é o recurso nos tribunaes. Entretanto a Figueira e Vianna confundem-se! E' a tranquiberdia por toda a parte. Depois será o que Deus quizer.

CARTA DE LISBOA

11 DE JANEIRO DE 1895.

Assumpto do dia é ainda o julgamento dos srs. Castilho e Olivier, que não terminou hoje mas que deve terminar ámanhã. Os accusados dos *grandes reus* teem fallado admiravelmente. O sr. Alves de Sá falou hoje durante duas horas e meia, o sr. Lopes Vieira uma hora. Pode bem dizer-se que os notaveis advogados tiveram o auditorio como que preso de seus labios. A injustiça com que aquellas nobilissimas victimas dos odios governamentaes estavam sendo accusados, foi patente a todos os espiritos. Os *grandes reus* serão absolvidos ámanhã. Supôr que succeda o contrario, seria duvidar da justiça e da razão humana.

Depois as consequencias.

— A exoneração do sr. ministro da marinha é já um facto que se não occulta. Mas ha mais. Affirma-se que El-Rei insta pela abertura do parlamento, devendo despedir do serviço os seus ministros se elles se detiverem na situação actual — quer dizer, fóra da lei. Parece que os ares, dentro da habitação real, se vão tornando menos auspiciosos para os dominadores da situação. Apesar d'isso affirma-se hoje que será o sr. João Franco o escolhido da coroa para occupar nos seus conselhos o logar que tão proeminentemente occupou o sr. João Chrisostomo. Ha quem duvide do successo, mas ha tambem quem o tenha como positivo.

— Passa-se hoje o 5.º anniversario do famoso *ultimatum* de 11 de janeiro, que tantos prejuizos teem causado ao paiz. Desde então nem credito, nem respeitabilidade nacional, nem foros de nação quasi que possuimos já. Uma desgraça fatal o que nos vem succedendo desde aquella fatalissima dia.

— A morte do sr. João Chrisostomo abriu uma vaga na camara alta. Esta vaga vae ser preenchida pelo filho do illustre extincto, o sr. Julio Carlos d'Abreu e Sousa, coronel do exercito e deputado por Braga.

— Sua Magestade a Rainha continua no desempenho do seu officio de caridade. Informada de que no subterraneo de um predio da rua dos Anjos morava uma infeliz mulher gravissimamente doente e com tres filhos, um dos quaes recemnascido, vivendo todos na mais completa miseria, mandou sem demora fornecer áquelles desventurados roupas de cama e dinheiro. Além d'isso, o medico do paço, sr. dr. Thomaz de Mello Breyner, visitou a doente, fel-a recolher no hospital de S. José e ordenou que a creança recemnascida fosse dada a crear a uma ama. Actos como este está-os Sua Magestade praticando todos os dias.

— Sobre a questão Mozer ha o seguinte. Dentro de poucos dias deve ser apresentado no Tribunal do Commercio um requerimento, assignado pelo proprio punho do sr. conde, pedindo que lhe seja aberta a fallencia, visto aquelle tribunal não ter julgado competente para isso seu irmão Eduardo. O governo, aproveitando a demora na abertura da fallencia, tem feito arresto nos bens que o conde possuia tanto em Cascaes como em Lisboa, e no seu escriptorio da rua Augusta. No arresto d'estes, a que já se procedeu, foram encontrados intactos os papeis de credito que a casa ainda possuia e tambem o producto do leilão da mobilia da casa da residencia da rua da Palma, que se realisou ha cerca d'um mez.

— Deu-se aqui ante-hontem uma iniquidade revoltante. A commissão dos operarios sem trabalho procurou o sr. ministro das obras publicas para lh'o pedir. Este enviou-os para o governo civil. Dirigiu-se tambem alli o director das obras publicas que lhes disse que só poderiam ser attendidos depois do governador civil colher as respectivas informações. Os operarios, na melhor ordem, sahiram, resolvendo recorrer a um bando precatorio para poderem matar a fome das suas familias. Na rua do Ouro saiu-lhes repentinamente um troço de policias sob o commando do chefe Amorim, que, sem mais nem mais, mandou desembainhar os terçados e espadeirar os operarios. Dois d'estes ficaram feridos e dois foram presos. Causou profunda indignação o procedimento da policia. O governo manda acutilar os operarios que pedem trabalho e que não o obtendo pedem esmola! E' natural que tenha de se arrepender.

— O sr. Brito Aranha, presidente-thesoureiro da commissão da imprensa encarregada de angariar donativos para as victimas do cyclone dos Açores, remetteu ante-hontem por intermedio do Banco de Portugal, para as suas agencias de Ponta Delgada, Angra e Horta, tres contos de reis, a fim de serem applicados a alliviar as desgraças em diversas povoações d'aquellas ilhas. A remessa foi feita em ordem telegraphica, ás redacções do *Açoriano Oriental*, *Angrense* e *Fayalense*, e participada aos governadores civis dos tres districtos açorianos. Applaude-se a resolução do sr. Brito Aranha, porque a opportunidade da remessa será duplamente agradecida pelos povos que foram novamente victimados pelo temporal de dezembro ultimo. A direcção do Banco de Portugal fez a expedição immediata e de bom grado, sem agio nenhum, visto tratar-se de uma obra de caridade faciada pela imprensa de Lisboa a favor dos nossos irmãos açorianos.

— O *Diario* d'amanhã deve conter os decretos dictatoriaes que se teem annunciado. E quasado será dizer que nenhum salva a patria.

— O sr. Guilherme d'Abreu, um dos mais antigos parlamentares do paiz, com bastante influencia em alguns circulos do Minho, deixou de pertencer ao partido regenerador, e fez publica esta declaração.

— Noticias do Algarve dizem que os animos continuam alli alterados e mais propensos á desordem que á quietação. E que a provocação parte de cima pelo crueza dos impostos que são já insupportaveis.

— O comicio de Portalegre foi addiado para domingo futuro, 20. Deu causa a isso o incommodo do sr. dr. Laranjo, que está doente e os portalegrenses não desistem da sua comparencia na reunião que se prepara.

— Prepara-se um grande comicio em Leiria. A este vão fallar os srs. Barros Gomes, José d'Apoim, Antonio Candido, Gomes da Silva e Eduardo d'Abreu.

— Ante-hontem, no arruinado convento de Sant'Anna, onde vivem na maior miseria innumeras familias, duas mulheres, que se recostaram na grade apodrecida de uma janella, cahiram na cerca, morrendo logo uma d'ellas, uma pobre velha de 68 annos.

— O cambio do Brazil desce successivamente. As ultimas noticias dizem que está por 10 3/4.

V.

A' ultima hora.—Parece que é effectiva a crise. Saem os srs. ministros de marinha e justiça. Como e por quem serão substituidos não se sabe por emquanto.

A IRRESPONSABILIDADE

Sob a epigraphe que precede estas linhas, um collega nosso de Lisboa escreve o seguinte:

«Percorramos a capital, entremos aqui e alli, nos centros, nos cafés, nos clubs; conversemos onde encontrarmos um grupo—aqui regeneradores, alli progressistas, acolá republicanos... Vamos pelas provincias, de aldeia em aldeia, de villa em villa, de cidade em cidade; sondemos a opinião á meza do hotel, na botica, no gremio...

Aproveitemos um ensejo qualquer na plateia d'um theatro, d'um carro americano, nos *fauteueils* do Colyseu... Tudo ao acaso, pessoas conhecidas,das que são citadas nos jornaes, das que teem partido, pessoas sérias, graves, de dinheiro, que recolhem cedo, pessoas bohemias, frequentadoras de restaurants... Vamos andando sempre, no comboio, por exemplo, primeira classe, linha do norte, no *steeping*... fumando no corredor, apresentados ou não apresentados—deputado no caminho d'um comicio, commerciante na piugada d'uma concordata, brazileiro retirado a pensar no *chalet* da sua terra e n'uma impertinencia de figado a pedir aguas medicinaes... Compremos charutos aqui e ouçamos o caixeiro; paremos na rua dos Capellistas, á porta dos banqueiros, ou na Arcada, entre politicos... Emfim, perguntemos a toda a gente que nos aproximarmos o que se pensa d'esta cousa, da politica portugueza, do governo,do rei, da crise economica, financeira e moral; perguntemos o que ha, o que succedeu, o que diz... E por toda a parte, como se estivessemos n'um só ponto e fallassemos com uma só pessoa, a resposta será sempre a mesma, o protesto sempre energico, a critica sempre amarga, a aspiração sempre radical, a prophecia sempre triste o governo está em crise, as instituições condemnadas, os costumes desmoralisados, os partidos sem orientação, o paiz sem credito, o estrangeiro sem respeito, e o rei sem sympathias! Ha quem duvide? Pois escute ás fechaduras de todas as portas onde o marido falla com a mulher, o pae com os filhos, o professor com os discipulos. Tudo perdido, tudo, tudo!

E perdido porquê? Parque sômos uma nação pequena, sem dinheiro,sem homens, sem paixão politica, sem principios, sem vigor? Porque não ha providencias economicas? Porque não ha reformas politicas? Porque o governo é despotico e a opposição está dividida?

Não, não e mil vezes não! O que por toda a parte se ouve é que o culpado de tudo — de todos os desastres, de todas as vergonhas, de toda a indifferença e de todos os desesperos — é o rei, sim, o rei, o sr. D. Carlos I, o chefe do Estado, o filho de D. Luiz I, o neto de D. Maria II, o bisneto de D. Pedro IV! Toda a gente conhece a Carta Constitucional, os actos addicionaes, a lei de imprensa, a circular sobre o exercicio da palavra nas reuniões publicas; isto é, sabe e conhece que o rei é indiscutivel, inviolavel, sagrado, que não tem responsabilidades governativas, nem perante a letra da constituição, nem perante as ficções constitucionaes, que por elle respondem os seus ministros no parlamento, nos tribunaes, em toda a parte... Pois apezar de toda a gente saber isto, e as responsabilidades em que incorre — querella, julgamento, recursos, sentença, multa, prisão, exilio — apezar de tudo isto — o governo e os seus partidarios affirmam que hão de governar emquanto o rei quizer — e as opposições colligadas e dispersas affirmam que o governo permanece, que a lei é atropellada, porque o rei quer—o rei, e só o rei!

O que haverá de verdade e de justiça n'esta manifestação de rebeldia contra a convenção constitucional? Porque se queixam do rei os monarchicos?

Porque se queixam do rei os republicanos? E, comtudo, não ha, no mundo monarchico, rei que mais indifferente se mostre ao que o governo pede, ao que a opposição reclama, á lei mais insignificante, á disposição mais constituciona, á crise temerosa, á opinião irritada! Se o constitucionalismo se baseia no rei automato, o nosso é o rei de maior passividade constitucional. Tem um governo, para governar; commetteu-lhe essa tarefa... Elle que governe—bem, mal, pessimamente; governe como quizer, dentro ou fóra da lei, com ou sem auctoridade, intransigente ou medroso, com ou sem parlamento, contanto que governe... Emquanto a opposição não der revolução, emquanto o povo não vencer a policia e emquanto houver dinheiro para pargar os encargos da ultima concordata, o governo que governe... Todos os papeis que lhe forem apresentados assignará; responderá como lhe indicarem... Senhor de si, sabendo que é irresponsavel até fóra da sua magistratura, tanto se lhe dá que a paz fructifique, como a revolta esterilise.—Thiers ensinou-lhe a ir á popa da nau do estado, mas não a pôr a mão no leme... Que o mar seja de leite, que o vento encapelle o mar, está alli como principe em viagem, não como timoneiro no seu officio.

O rei constitucional deve ser assim, graças á ficção do regimen. Como rei collocou o governo no apogêo da sua confiança, como um emprezario de circo põe o premio tentador no mastro de *cocagne*. Os partidos que trepem mostrando que teem unhas e arte... O mais que faz é ensebar o mastro que o resto é com os assaltantes!

E, comtudo, toda a gente declama que o rei é o culpado dos nossos desastres nacionaes, e até, se ámanhã o paiz irromper na guerra civil, ao rei ainda será imputada a responsabilidade da catastrophe! E' porque ninguem conhece bastante as difficuldades do officio de reinar. A magistratura suprema n'um paiz monarchico impõe duas naturezas n'um só homem. El-rei, como homem é o que se sabe—vista de lynce nas caçadas de Villa Viçosa, pulso de ferro nas azinhagas de Cintra, folego de peixe nas aguas do Tejo, garbo de *ganadero* nos circos tauromachicos, e esplendido *hamour de blague* e o *canard* na esplanada de Cascaes! Como rei é cego, surdo, paralytico e banal... A carta assim o manda! Como homem sabe escrever e assigna; como rei move apenas a chancella. E ninguem se lembra de affirmar que é por menos respeitar a vontade do seu povo, que o rei só obedece á vontade do seu governo. Mais que o povo vale e se impõe a lei da natureza, ou a vontade de Deus, ou a prerogativa da Morte, e el-rei, se como homem chorou e se cobriu de luto pela morte de seu augusto pae, como rei foi, atraz do esquife, atravessando a cidade no seu coche dourado, com o sorriso nos labios!

A irresponsabilidade é isto!

O que acaba de ler-se não soffre contestação. Infelizmente a verdade é esta. Com pezar o dizemos, mas a verdade é preciso que se diga doa a quem doer.

CORRUPÇÃO E VIOLENCIAS POLITICAS

Cada vez mais se augmenta a acção corruptora do governo e seus agentes nos actos eleitoraes. A par da corrupção vem as mais despoticas ameaças, para comprimir a vontade popular. As eleições estão sendo um torpe escarneo do systema liberal e representativo. Falsificação dos recenseamentos e dos actos eleitoraes, compra de votos, pressão, de tudo se lança mão para deturpar e inutilisar este acto. No mez de agosto do anno de 1845 praticaram-se inauditos attentados eleitoraes. Decidiu o governo vencer as eleições de deputados, não recuando nos processos mais revoltantes, e conseguiu os seus fins. Listas carimbadas, demissão e transferencias de empregados, votação por meio de ambulancias, de tudo se serviu o governo para vencer. Em todos os collegios eleitoraes do reino e ilhas adjacentes venceu a auctoridade, com a unica excepção do circulo de Evora, e ahi mesmo só obteve a opposição a maioria de um voto. Expulsa a opposição do parlamento, não lhe restavam senão os meios revolucionarios; e é o que aconteceu em abril e maio do anno seguinte de 1846. A reacção não póde deixar de ser egual á acção.

*

O plano do actual governo é publicar um decreto eleitoral, com as disposições todas calculadas a não deixar eleger um unico membro da opposição. Procura-se por todos os meios impedir a entrada dos progressistas no parlamento; e em especial não se poupam meios e disposições para não deixar eleger republicano algum. Parece-nos que é puxar de mais a corda,e que o governo se illude em suppôr que por essa fórma se eternisa nas cadeiras ministeriaes. A corrupção,as falsificações e em geral a tyrannia,vem a produzir o effeito contrario do que suppõe os que as exercem. Que utilisou D. Miguel e seus sectarios com as atrozes perseguições exercidas nos liberaes? Foi fazer com que numerosos cidadãos, que eram quasi de todo indifferentes á politica, vendo-se perseguidos, ou pessoas de suas familias, se irritassem e contribuissem quanto lhes era possivel para triumphar a causa liberal, indo até muitos ao Porto assentar praça nas fileiras dos combatentes, a favor das instituições constitucionaes. Da mesma fórma, que utilisou o governo cabralista com o seu systema intolerantissimo e oppressor? Foi não só o fazer exaltar o partido *setembrista*, na sua opposição ao governo; mas dar ensejo a que muitos sinceros *cartistas*, desapprovando tal systema de governo,passassem declaradamente para a opposição, formando o importante partido dos *cartistas dissidentes*. E' d'esses dois partidos, reunidos até certo ponto com os miguelistas de boa fé, como era o general Povoas e outros, que proveio o *partido popular*, que luctou com o governo cabralista até o derrubar do poder. Em Portugal está o governo arremessando a opposição para a lucta extrema. Muitos liberaes monarchicos, vendo que se caminha para o *absolutismo*, não tem, nem podem ter que hesitar. Entre o *absolutismo*, de direito, ou de facto, e a *republica*, a sua posição está necessariamente definida, por que a sociedade ha de sempre tender para progredir e não para retrogradar. A culpa é de quem leva para ahi os liberaes,que não estão resolvidos a ver com indifferença o absolutismo, e ser por elle esmagados.

*

A proposito da corrupção e pressão eleitoral, são verdadeiramente espantosos os factos ultimamente praticados pelo governo e seus agentes no Porto, para vencer a eleição das commissões do recenseamento. As informações que d'alli tem vindo a esse respeito são revoltantissimas. Não houve compras, por mais custosas que fossem; não houve intimidações,por mais indignas, que se não praticassem para supplantar a opposição. Parece termos voltado ás épocas nefastas das famosas eleições cabralinas. Quando um governo, sem escrupulos, nem moral, está resolvido a lançar mão de taes processos, por mais violentos que sejam, para suffocar a vontade dos eleitores, vence quasi sempre. Mas qual é o resultado fatal de tudo isso? O tempo o mostrará aos auctores de semelhantes attentados. O governo, e quem o protege, estão cegos de todo; não vendo o caminho errado que vão seguindo. Talvez cáiam n'um abysmo quando menos o esperarem.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

PARA QUE PAGA O POVO

Repetem-se com frequencia as maiores torpezas, as especulações e fraudes em prejuizo do thesouro publico.

Syndicatos altamente lucrativos para os que n'elles entram. Transacções escandalosissimas, em que o dinheiro do paiz é altamente roubado. E as mais revoltantes tranquibernias estão-se a praticar sucessivamente do modo o mais escandaloso. Protegem-se torpemente os altos syndicateiros. Apparecem fallidos os bancos, com grande prejuizo dos accionistas e do estado.

Fogem e desapparecem os banqueiros, depois de terem defraudado os dinheiros do thesouro, de que lançam mão. Emfim parece que estamos n'um grande pinhal de Azambuja, em que os passageiros são descarada e impunemente roubados. E quem paga para fraudes, para essas roubos? São os infelizes contribuintes, que estão a fazer os maiores sacrificios para pagar os tributos,e que veem o seu dinheiro cair na voragem dos tranquibernieiros e dos rapinantes da fazenda nacional. N'este paiz quem roubou, robou, e quem não robou, roubasse. Os grandes banqueiros e syndicateiros podem locupletar-se á vontade; porque não são perseguidos. Os castigos só estão destinados para os auctores de alguns pequenos delictos. Infeliz povo, que és victima das consequencias d'esta desaforada ladroagem!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

DOCUMENTOS HONROSOS

Dando publicidade ás cartas que os commandantes das forças navaes das differentes nações, que estiveram no Rio de Janeiro durante a guerra que alli se feriu, cumprimos dever de justiça a que não sabemos faltar. São as seguintes:

Carta do Vice-Almirante de Cuverville ao Commandante Augusto de Castilho

Gabinete do Vice-Almirante commandante em chefe—Prefeito maritimo

Cherburgo, 22 de outubro de 1894.

Meu caro Commandante.—Agradeço-vos a vossa amavel carta e as recordações que ella me aviva; o capitão de mar e guerra Marquer é commandante do 3.º deposito do material da armada, no porto de Lorient, podeis escrever-lhe, e não duvido que elle tenha o maior gosto em ser-vos agradavel. De resto, não posso acreditar na vossa condemnação; o direito d'asylo é um direito sagrado que as pequenas potencias, assim como as grandes devem salvaguardar a todo o preço; em situação egual á vossa, eu teria procedido como vós, em nome da honra franceza e por humanidade. Acceitae, meu caro Commandante, os meus votos para que saiaes com honra de vossas difficuldades presentes, e a expressão dos meus melhores e mais distinctos sentimentos.

V. Almirante DE CUVERVILLE.

*

Carta do contra-almirante francez Abel de Libran ao commandante Augusto de Castilho

Meu caro Commandante.— Outubro, 16 de 1894.—Diz-me *monsieur* de Robien que estaes de regresso na patria, pelo que vos felicito, apoz a longa e laboriosa campanha que fizestes. A lembrança das excellentes relações que tive o prazer de manter comvosco na bahia do Rio de Janeiro, no anno passado, não se desvaneceu e não quero deixal-a perder. E' me, demais, bem agradavel repetir-vos o que tive a honra de dizer-vos ao partir. «Ser-vos-hei sempre reconhecido pelo auxilio que me prestastes nas circumstancias difficeis em que todos nos achámos durante tres longos mezes na bahia do Rio de Janeiro.»

Representante da nação que maiores interesses tem no Brazil, eram as vossas opiniões sempre de grande peso entre nós; achando que foram sempre dictadas pela firmeza a mais conciliadora, pela defeza das regras internacionaes e pela mais completa imparcialidade. Historietas muito phantasistas, por vezes tambem singulares accusações, que lá por elevadas espheras se commettia a falta de admittir com demasiada facilidade, foram dirigidas contra os commandantes das forças navaes estrangeiras. Não fostes poupado, mas forte, a mui justo titulo, pela vossa rectidão e pelo dever cumprido, conduzistes-vos sempre com as Leis e Regulamentos na mão.

Nem tudo era facil n'esses agitados tempos. Houve, bem lembrado estareis porcerto, momentos assás criticos, nos quaes resolvidos a uma stricta neutralidade, foi mister, entretanto, salvaguardar os nossos nacionaes e seus interesses. E no dia em que houve de designar um commandante para as praças que nós tinhamos o *dever* de preparar para desembarque, *emergente o caso*, foi a vós que, sobre proposta do commandante Bénier, meu chefe de estado-maior, os commandantes das forças navaes estrangeiras pediram unanimes, consentisseis em assumir essa missão delicada. E foi em tudo isto que eu pude apreciar o util concurso que vós nos prestastes e conhecer-lhe o valor. Servi-vos não tomar tudo o que aqui digo como simples cumprimentos, mas vêde antes no que deixo dito a expressão dos meus sentimentos muito reconhecidos.

Fostes fortemente atacado, como vol-o dizia acima, mas podeis responder victoriosamente, dizendo tão só: eis o que eu disse e aconselhei, eis o que eu fiz. Espero que tereis achado vossos filhos de perfeita saude. Servi-vos apresentar as minhas homenagens respeitosas a *madame* de Castilho, e acreditar, meu caro commandante, em meus sentimentos cordeaes e dedicados.

C. Almirante, A. DE LIBRAN.

*

Carta do capitão de mar e guerra E. Marquer (1) ao commandante Augusto de Castilho.

3.º Deposito do material da armada

Lorient, 7 de novembro de 1894.

Meu caro amigo.—Tenho por vezes relido a carta á qual fazeis allusão, tenho por vezes pensado em vós. Ainda esta manhã se repetia o facto, e contava sempre responder-vos; mas antes queria saber da vossa Legação se emfim havieis alcançado a recompensa das fadigas e das difficuldades que tivestes que vencer em vossa campanha tão cheia de movimento da *Mindello*. Tinham os jornaes francezes annunciado em fins de maio (se me não falha a memoria) o vosso regresso a Lisboa, e diziam mais que não terieis trabalho em justificar a vossa conducta.

Pudera! dizia eu commigo, isso para elle é uma bagatella; e, conhecendo a vossa rectidão e o vosso prestimo, não duvidava, e hoje menos que nunca, que vós não tenhais observado nas delicadissimas circumstancias em que vos lançaram os acontecimentos, a linha de conducta a mais conforme aos interesses e dignidade de vossa patria.

Julgae do effeito que me produziu a noticia tão inesperada da vossa desgraça! Surprehende-me mais do que me inquieta, porque não duvido que a verdade não fulgure no grande dia do julgamento, e podeis estar certo que os votos de todos os que vos conheceram e apreciaram estão comvosco. Coragem firme e firme esperança, caro amigo, e, por quem sois, trazei-me ao corrente do que fôr passando; ninguem se interessará mais do que eu pela vossa sorte.

Minhas respeitosas homenagens a *madame* de Castilho.

E' o vosso affeiçoado
E. MARQUER.

*

Carta do capitão de mar e guerra E. Bénier, ex commandante do cruzador francez *Arethuse* a Augusto de Castilho.

Paris, 1 de novembro de 1894.

Meu caro commandante.—Peza-me vir tão tardiamente apresentar-vos a expressão das minhas sympathias, no tocante aos desgostos por que estaes passando; mas não tive conhecimento d'elles senão ha pouco, e timbro em dizer-vos, quer como camarada, quer como commandante da *Arethuse*, tendo tomado parte nas resoluções em commum adoptadas pelos commandantes dos navios de guerra, reunidos no Rio de Janeiro, por occasião da revolta brazilica de 1893, que espero vêr dissiparem-se todos os mal entendidos, quando vós derdes as explicações necessarias. E' dever de cada um de nós declarar alto e bom som, não sómente qual utilidade tirou a reunião da vossa tão notavel aptidão em manejar o francez e o inglez tão bem como a vossa propria lingua nacional, mas ainda tudo o que ella esperava da vossa firmeza e da vossa prudencia, visto como todos nós vos tinhamos pedido de commum accordo, que acceitasseis o commando das forças internacionaes destinadas a formar em terra, no caso de ter sido julgado necessario um desembarque para proteger a vida dos estrangeiros.

Meu caro commandante, junto a estas breves palavras, recordadoras do passado, a impressão da minha viva sympathia, e peço-vos vos sirvaes offerecer a *madame* de Castilho a homenagem do profundo respeito de

Vosso muito affeiçoado camarada
BÉNIER.

(1) O commandante Marquer tinha commandado as forças navaes francezas no golpho de Bénin,durante a guerra do Dahomey, onde tinha tido excellentes relações com o commandante Castilho, da *Mindello*.

INFLUENCIA DO PROGRESSO NAS INDUSTRIAS CASEIRAS E DOMESTICAS

Os progressos realisados n'este seculo pelos machinismos constantemente aperfeiçoados tem causado uma transformação social mais profunda que as mais violentas revoluções politicas. As grandes fabricas não só aniquilaram as industrias caseiras, mas deram origem aos gravissimos problemas economicos, que assoberbam as nações industriaes por excellencia. A accumulação dos operarios nos centros fabris deu causa á formação do partido socialista, cujo caracter internacional lhe dá uma força extraordinaria e o habilita a pôr em pratica as mais audaciosas theorias.

Com a applicação do vapor e da electricidade ás mais variadas e poderosas machinas, as industrias caseiras soffreram o golpe de misericordia, o que em muitos casos foi por certo um facto lamentavel. No nosso paiz a pequena industria tinha um ar patriarchal, familiar, que contribuia para o bem-estar domestico e para a prosperidade de certas povoações. No numero illustrado que o nosso estimavel collega o *Commercio do Porto* distribuiu este anno pelas festas do Natal, ha um conto do sr. Ramalho Ortigão, em que se faz uma pintura pittoresca do movimento que havia ar na rua das Hortas no Port os ferreiros das immediaçõ trazer ás lojas de ferragen burrinhos tradicionaes, as pregos que elles fabricavam. garias a vapor apagaram as lojas d'esses laboriosos industriaes.

Nas cercanias do Porto havia um grande numero de industrias caseiras que, ou já se extinguiram, ou que vão definhando gradualmente. O mais curioso é que o elemento feminino é que mais se entregava a esses lavores. Em Mathosinhos, por exemplo, as mulheres, emquanto os maridos andavam na faina maritima, fabricavam, com as suas agulhas e com os seus bilros, meias, camisollas, rendas. Em outras partes torciam-se linhas, teciam-se fitas, fabricavam-se botões de osso, uma infinidade de pequenos objectos, alguns dos quaes de rudeza primitiva, mas typica. Quem collleccionasse methodicamente todas essas producções da industria caseira, teria feito um admiravel museu etnologico. Hoje talvez fosse já um pouco tarde, mas a colheita ainda seria apreciavel. Mas é sobretudo na domesticidade que a civilisação tem tido a mais activa e por vezes pernicios influencia. Antigamente, nas provincias do norte sobretudo, a gloria d'uma boa dona de casa era ter um bom bragal, a arca de castanho cheia de roupa branca, alva de neve, rescendendo ao aroma do feno. As creadas e a patróa, nas horas que sobejavam do mais especial trabalho domestico, punham a róca á cinta, fiando o linho. Depois era o dobar das meadas, que se punham a corar e se mandavam ás tecedeiras. Quem apresentasse mais teias no fim do anno, mais orgulhosa se mostrava. Hoje a rouparia a vapor veiu annullar toda esta laboriosidade intima, e raras são as casas, nas cidades e villas da provincia, onde o pessoal domestico se occupe em fiar o linho.

Uma cousa ainda o progresso não acabou foi a lavandeira aldeã, mas não tardará muito talvez em que vejamos desapparecer esse typo, tão original, tão pittoresco, tão caracteristico do trabalho nacional. A lavandeira a vapor ainda não matou a lavagem á mão, mas o progresso não deixou de nos pregar das suas, introduzindo a boneca de chloreto de cal, em substituição da boa e antiga barrella de cinzas de lenha, que dava um bom aspecto á roupa sem lhe prejudicar a solidez e conservação. Qual é a dona de casa que se não lamenta do abandono dos antigos processos, e se não queixa da ruina permanente que soffre o seu bragal! Felizmente que o uso dos chloretos parece não estar para muito, despontando já no horisonte da industria um novo preparado, que os substituirá com a maxima vantagem. E' sabido que decompondo-se os chloretos por meio de uma corrente eletrica obtem-se uma solução particular, que produz todas as virtudes oxidantes, descorantes e desinfectantes do chloro e dos hypochloretos sem apresentar os seus inconvenientes. Esta solução está já tendo vantajosas applicações hygienicas e fabris e é de esperar que não tarde a ser empregada na lavandeira. E' uma noticia que hade regosijar as boas donas de casa, e uma optima compensação a tanta cousa util que o progresso na sua transformação vertiginosa tem destruido.

NOTICIAS DIVERSAS

Livro d'Alma.—Um dos mais apreciaveis e esclarecidos poetas novos, auctor de muito bons escriptos e de finissimos versos portuguezes, envia-nos as seguintes mimosas sex-

---

124

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

NONA PARTE

HORAS FATAES

VIII

PRESUMPÇÃO DE UM ESTOUVADO

Vendo que era pouco mais ou menos a hora em que tinha por costume entrar no Casino, Torrelamar dirigiu-se alli, deixando a visita de Anna para outro dia.

— Mas considerando bem, disse depois entre si, que necessidade tenho de dar que fallar aos visinhos, visitando uma pobre rapariga que mora n'uma miseravel agua-furtada? Escrevo-lhe quatro linhas acompanhadas de um bom presente, convidando-a a vir ao meu palacio, e a candida pomba succumbirá de novo ao meu capricho.

Assim pensando, chegou ao Casino, e escreveu o seguinte:

«Anninha. Amo-te mais que nunca, e esquecendo tudo o que tem succedido, torno a ser teu como n'outro tempo. Se te resta ainda no coração um pouco de amor para este desventurado, que apesar dos seus milhões não póde viver sem o teu carinho, vem ao meu palacio esta noite, onde te espero das sete ás nove horas. — *Luiz.*»

Metteu a carta e um bilhete de quatro mil reales n'um sobrescripto, lacrou-o com o sinete do annel, e guardou-o no bolso do paletot. Depois leu alguns periodicos, informou-se das novidades do dia, tomou um refresco, jogou uma partida á carambola, e em seguida dirigiu-se para casa. Quando chegou, mandou chamar o seu mordomo, a quem incumbiu de ir á rua dos Embaixadores, a casa da pobre Anna, e de entregar-lhe em mão propria a carta que escrevera pouco antes. Martinho correu a desempenhar a commissão, se bem que não lhe agradasse, mas quando ia a subir a escada, o porteiro assomou a cabeça pelo postigo, gritando:

— Olá, bom homem! aonde vae?

— Ao quarto andar, a casa da menina Anna.

O porteiro correu então para Martinho, e agarrando-o, exclamou:

— O' desventurado! pois não sabe que ha seis quartos no ultimo andar da casa, e que póde não acertar com aquelle que procura? E tudo por não incommodar-se em metter a cabeça por aquella porta e dizer: «Sr. Anacleto, meu amigo, tenha a bandade de indicar-me a direcção que hei de tomar.»

— Mas mora aqui a modista, ou não mora?

— Sim, senhor, mora aqui; mas sabe lá quanto é desgraçada a pobre rapariga, desde a noite em que lhe levaram o pae? porque a menina Anna tinha pae, e pae enfermo, a quem sustentava com o seu trabalho; mas certa noite, e que noite! appareceu aqui o commissario de policia, subiu ao quarto andar, e sem o commoverem as lagrimas do pobre Cabrerizo, nem as minhas supplicas, levou-o para o hospital; não porque o hospital fosse o asylo que lhe haviam reservado de antemão, mas porque, estando doente, não era occasião de conduzi-lo ao Saladero... sim ao Saladero, e não creia o senhor que lh'o digo por murmurar ou porque deva dar-lhe conhecimento das faltas de Cabrerizo, mas é para que bem comprehenda qual séria a dor da filha, ao encontrar-se sem seu pae. Oh! que horror! nem póde imaginar...

— Sim, sim, já sei, atalhou Martinho fugindo do porteiro.

Recorda-se o leitor de deixarmos a pobre Anna desmaiada nos braços de Anacleto. Quando voltou a si, o bom do homem conduziu-a para a poltrona, sentou-a, foi buscar á cosinha um pouco de vinagre e agua, e deu-lh'o a beber. Depois contou-lhe o succedido, e escusamos accrescentar que lh'o referiu com todas as particularidades. Anna, que durante a narração não tinha cessado de chorar, exclamou por fim, levantando-se:

— Ai! meu pobre pae! quero vel-o, consolal-o, chorar com elle as nossas mutuas desventuras, e depois... depois pedirei, supplicarei, humilhar-me-hei se for necessario, até alcançar-lhe o seu perdão.

— Sim, tudo isso é muito bom para quem pensam com dinheiro,sr. Anna minha filha; mas que vae fazer? que conseguirá sahindo por essas ruas, se não lhe permittirão vêl-o?

— Ah! não importa! exclamou a infeliz fóra de si.

E sem dizer mais palavra, nem ouvir a voz do porteiro que lhe pedia que não sahisse de casa, desceu rapidamente a escada, e chegou á rua, onde parou, porque viu apparecer uma mulher á porta da casa de Lourença. Era justamente a hora em que Magdalena costumava retirar-se.

—Sr.ª D.Magdalena! bradou Anna.

— Anna! minha filha!

Apenas reconheceu Magdalena, Anna começou a chorar, e salvando a distancia que as separava, lançou-se-lhe nos braços soluçando.

— Ah! minha senhora! não me enganavam os meus presentimentos!

— O que succedeu, minha filha? perguntou Magdalena, rodeando-lhe a cintura com o braço.

— A justiça levou meu pae!

E dizendo isto, deixou cahir a cabeça sobre o seio de Magdalena, chorando cada vez mais.

— Mas quem o denunciou? como foi isso? Não se afflija...

Anna contou o occorrido, e Magdalena procurou consolal-a; acompanhou-a a sua casa, obrigou-a a deitar-se, e depois mandou dois recados differentes pelo porteiro: um a sua casa, para que não a esperassem durante a noite, e outro á inspecção de Chamberi para que lhe fosse fallar o commissario, denominação que então se dava aos inspectores. Magdalena velava junto do leito da pobre costureira, que não cessava de chorar e lamentar-se, quando parou á porta uma carruagem. Alguns minutos depois appareceu Anacleto acompanhando o sr. Mathias Peres. Magdalena levantou-se e saiu da alcova nas pontas dos pés,entrando na saleta, alumiada então pela moribunda luz do candieiro.

— Minha senhora, estão executadas as suas ordens, disse o honrado porteiro.

Depois de saudar affavelmente o commissario, Magdalena voltou-se para Anacleto, e entregou-lhe uma moeda de dois duros, dizendo-lhe:

— Isto não é pagar-lhe os seus incommodos, porque ha serviços que não pagam com dinheiro,sr. Anacleto, é apenas uma ligeira prova de agradecimento: póde guardar esta pequena quantia e retirar-se quando quizer.

O sr. Anacleto, fazendo mesuras e cortezias, saiu da sala, e Magdalena, logo que se viu só com Mathias Peres, tomou a palavra:

— Queira sentar-se e antes de tudo desculpe-me a liberdade que tomei de incommodal-o.

— Sabe que estou sempre ás suas ordens, minha senhora; e se alguma cousa me penalisa, não é certamante o meu incommodo,mas o desgosto que a obrigou a chamar-me a taes horas.

— O senhor sabe que casa é esta?

— Sei; o porteiro, que me parece tão fallador como bom homem,contou-me pelo caminho a captura do Romo com todos os pormenores.

— Pois eu chamei-o para que me diga com inteira franqueza, se o sabe, o nome da pessoa que fez a denuncia.

— Sei apenas que ha tempo se procurava o Romo, e que devia, na qualidade de funccionario honrado e exacto cumpridor das ordens que me transmittem, tel-o procurado; mas em vez de assim praticar,tenho descurado este negocio, attendendo á recommendação que v. ex.ª me fez.

—Então não sabe nada particular?

—Sómente o que me revelou o porteiro; mas se é preciso averiguar de quem partiu a denuncia, a situação do Cabrerizo, o logar aonde está, etc., eu fallarei ao meu collega d'este districto e depois informal-o-hei.

— Como lhe aprouver, meu amigo; mas saiba que tenho empenho em conhecer quanto diz respeito a esse desgraçado, e desejo que o senhor influa para que o commissario não incommode Anna na mais leve coisa.

— Isso será difficil, se não impossivel. O Romo, ou Gervasio Cabrerizo, é accusado como assassino de Lucas Dias, por alcunha o tio Passo, morto na ladeira dos Cegos: e n'esta classe de processos sem pressão necessarios depoimentos, acareações, e...

— E Anna terá de depor?

— Sem duvida alguma.

— Pois é isso que pretendo evitar a todo o custo.

— De maneira, continuou o commissario, que o seu empenho reduz-se a averiguar o nome da pessoa que denunciou Cabrerizo, caso que haja sido por delação e não por indagação dos agentes de policia, e causar á sua recommendada o menor incommodo possivel?

— Exactamente.

O inspector levantou-se e despediu-se de Magdalena, a qual na manhã seguinte recebeu a seguinte carta:

«Minha protectora:—Remetto lhe a copia da carta anonyma que entre as seis e sete horas da noite foi levada á inspecção de vigilancia do districto da Inclusa, a que pertence a casa do Romo, *Mathias Peres.*»

Magdalena guardou a carta alludida que a deixava na mesma perplexidade, e vendo que Anna estava mais tranquilla, despediu-se d'ella.

As horas que se seguiram foram para ella muito occupadas,porque teve de fazer entrega de seus bens, de dar posse do palacio a Luiz Torrelamar, e transportar-se para casa de Lourença.

No dia seguinte, Anna mostrou-se mais resignada, talvez porque, tendo junto de si Magdalena, julgava não achar-se tão desamparada nem tão só; mas apesar d'isto não deixava de chorar e de lembrar-se de seu pae.

Só, triste, entregue ás dolorosas recordações da sua vida, cheio o coração de remorsos e pezares, e vendo sempre desoccupada a cadeira em que seu pae passára as primeiras horas de arrependimento e de repouso, Anna trabalhava como d'antes; mas suspendia a tarefa ao anoitecer, porque lhe tinham concedido permissão de ir áquella hora ao hospital, onde conversava breves momentos com seu pae. Como tinha medo de sair só, Anacleto prestara-se generosamente a acompanhal-a. Sabina, que conhecia já as lamentaveis consequencias da sua carta, mostrando-se satisfeita de haver realisado o seu designio de vingança contra o Romo, parecia sentir agora dupla raiva contra Anna; e como, apesar de saber o seu domicilio e o seu isolamento, não se atrevesse a surprehendel-a, receiando ver-se descoberta, esperava o momento opportuno de saciar as suas iras, espiando-a, espreitando-a, seguindo-a como uma sombra desde casa até ao hospital e desde o hospital até casa, sem deixar de praguejar contra o companheiro da infeliz rapariga.

Anna, que ignorava tudo isto, não via que era seguida e espiada, e a velha infame, quasi espectro, quasi bruxa, sahia, occultava-se e apparecia ou desapparecia na sombra com a celeridade aterradora d'uma visão estrumbatica.

Entretanto Sabina,que se refugiara n'uma agua-furtada da pavorosa rua de Irlandezes, procurava estar ao facto de tudo o que dizia respeito a Anna e Gervasio; e se seguia aquella de noite, nem por isso se esquecia de averiguar o andamento do processo pelo qual o Romo, quando não fosse conduzido a um presidio, em attenção ás suas doenças,teria de passar o resto de seus dias n'um hospital,sem os auxilios de sua filha.

Trabalhar e chorar, era tudo o que Anna havia feito desde o dia da sua conversão até aquelle em que Martinho devia chegar á porta do seu quarto levando a carta escripta por Luiz de Torrelamar. Anna abriu a porta. N'aquelle rosto tão bello e tão expressivo n'outro tempo tinham as lagrimas e os soffrimentos começado a imprimir os seus traços fataes.

— A menina Anna Cabrerizo? perguntou Martinho inclinando os olhos para a carta.

— Uma sua criada.

Então um e outro se olharam, e como não era a primeira vez que se viam, ella fez se pallida e Martinho contemplou-a com surpreza. Vira-a outr'ora bella e elegante, e encontrava-a agora macerada e humilde.

— A menina não se lembra de mim? disse o criado.

— Não, não me recordo, balbuciou Anna.

— Pois eu sou criado do sr. Torrelamar, que me mandou entregar-lhe esta carta.

Um tremor nervoso agitou as debeis mãos de Anna.

— Queira dizer a seu amo,respondeu sem receber a carta, que lhe agradeço muito esta lembrança, mas não desejo cartas, senão tranquillidade para o espirito.

— Mas a menina bem sabe que tenho obrigação de obedecer a meu amo e que se volto sem entregar a carta, não receberei muito bom tratamento.

— Sinto isso muito; mas dizendo-lhe que me viu e que eu não quiz recebel-a...

— Supplico-lhe que accei a carta, ainda que depois lh'a devolva.

— Não é possivel,redarguiu Anna.

— Então recusa, decididamente?

— Decididamente, sr. Martinho.

O criado ficou um momento pensativo.

— Pois bem,insistiu ainda, abra-a, e veja o seu conteúdo, e depois faça o que quizer; eu, dizendo isso, cumprirei o meu encargo.

— Não valia, porque é inutil.

— N'esse caso, faça me o favor de o declarar por sua letra, ainda que seja no sobrescripto.

— Não tenho a menor duvida.

Receiosa de que Martinho se escapasse deixando-lhe a carta, Anna retrocedeu um pouco,fechou a porta por dentro, e escreveu no sobrescripto o seguinte:

«Deixe-me em paz, sr. Luiz de Torrelamar, e não queira mortificar uma pobre rapariga que nenhum damno lhe causou.—*Anna.*»

— Agora póde retirar-se, disse a Martinho.

O criado retirou-se, e Anna, inclinando a fronte, ficou pensando na sua infeliz sorte. Torrelamar esperava com impaciencia o criado,e logo que o viu, gritou-lhe:

— Então?

— Desengano completo; a costureira recebeu-me com a maior indifferença e recusou decididamente receber a carta.

— Recusou?

— Com toda a firmeza, e para que v. ex.ª não cuide que Martinho é um parvo que em quarenta annos de serviços não sabe fazer recados, ahi tem a resposta por mão propria da tal menina.

Torrelamar leu com espanto as linhas que Anna traçára, mordendo o bigode com raiva.

— Uma carruagem! bradou elle sentindo-se ferido no seu amor-proprio.

Martinho saiu a correr, e pouco depois Torrelamar atravessava com passo magestoso os seus magnificos salões, cruzava o vestibulo por entre duas fileiras de lacaios, e subia para a carruagem.

— Não recusará receber-me, pensava elle, posso ter essa certeza.

E partiu immediatamente.

(*Continua.*)

Companhia d'olho vivo em Lisboa. — A policia tem entre as unhas uma verdadeira companhia d'olho vivo, que se dedicava á especialidade de furtar tabacos em diversos sitios, o que não quer dizer de maneira nenhuma que se fizesse grave com quaesquer outros objectos de valor que lhe ficassem á mão. Os maraus tinham as coisas bem organisadas, e tanto assim que alugaram ultimamente uma casa na rua da Galé, para servir de deposito aos furtos. A policia encarregada d'esta diligencia, dirigida pelo chefe Lourenço, um dos agentes da nossa judiciaria que maiores provas de aptidão e argucia policial tem dado, guarda sobre este caso grandes reservas, afim de evitar que a publicidade lhe embarace o serviço. Parece que o chefe d'esta quadrilha era José Pinto Correia, morador no pateo dos Canos e que tinha ao seu serviço João Marques da Silva, caixeiro desoccupado, morador na estrada da Penha de França, 52; Francisco Simões, sapateiro, da rua do Salvador, 91, 3.º; Joaquim d'Almeida, sem domicilio e Francisco Maria d'Abreu, tambem vadio. O chefe Lourenço teve artes de descobrir o deposito da rua da Galé, e mandando alli dois dos seus subordinados veiu a apurar que havia em armazem o fornecimento de tabaco que consta da lista que publicamos em seguida com os correspondentes valores:

Charutos picados, 14 maços a 500	7$000
" de 20 réis 14 maços a 2$000	28$000
Cigarros Almirantes, 8 maços a 840	5$720
Tabaco picado em onças, francez, 7 caixas a 280	19$600
Rapé, 5 pacotes a 2$500	12$500
Charutos cortados, 7 caixas a 1$000	7$000
1 maço de Ferreirinhas	1$000
5 " Turco	5$020
2 " Oran a 1$200	2$400
2 " Elegantes a 1$800	3$600
1 " Coquettes	2$400
3 " Chic a 2$800	7$200
10 " Santa Justa a 1$000	10$000
	113$520

Até agora não se sabe a quem foram roubados estes tabacos; mas a policia vae officiar aos depositos das fabricas para ver quem se queixa. Descobriu-se mais que a quadrilha tomára de trespasse por 100$000 réis uma loja da rua Luiz de Camões para ahi pôr um estabelecimento fornecido... pela communidade. A policia já descobriu que a quadrilha é a auctora do furto de 102$000 réis feito no dia de Natal a uma familia residente na rua do Salvador, 40, e a de um cordão de ouro, uma moeda de 5$000 réis e um sacco com roupa, a uma pobre mulher empregada na fabrica de tabacos e residente na rua do Valle de Santo Antonio, 27, 2.º andar. Os meliantes praticavam os furtos por meio de chaves falsas, que eram fabricadas pelo chefe da malta. Na occasião de commetterem os furtos disfarçavam-se em trapeiros para não darem nas vistas da policia. Todos os da quadrilha são gatunos experimentados no crime. Falta ainda esclarecer muitos pontos d'este negocio, e é d'isso precisamente que anda tratando o chefe Lourenço com o seu pessoal. Teem sido detidas algumas pessoas para averiguações, mas logo postas em liberdade por se reconhecer a sua innocencia. Os gatunos estão incommunicaveis.

O sr. Domingos Vargas, com loja de tabacos na rua do Chão da Feira, 8, queixou-se á policia de que os gatunos lhe arrombaram a porta na noite passada, levando-lhe tabacos no valor de 100$000 réis. Terá isto relação com a quadrilha presa? Averigua-se.

Jacques Inaudi. — Assombroso, simplesmente assombroso o modo como este celebre calculador resolve os difficeis problemas que se lhe apresentavam: e por isso a proposito não podemos por muito interessante deixar de transcrever o que a este respeito nos dizia, ha tempo, o nosso collega *O Economista*:

«A apresentação do notabilissimo calculador Jacques Inaudi, no Real Coliseu de Lisboa, foi mais um triumpho a accrescentar aos que tem alcançado em toda a parte onde exibe a sua espantosa memoria para os numeros. A sala em peso tributou ao maravilhoso calculista a homenagem devida, com repetidas chamadas em que foi muito victoriado. E' admiravel a rapidez com que faz todos os calculos, assombrosa a memoria com que retem os algarismos, vertiginosa a presteza com que os repete, ora da esquerda para a direita, ora da direita para a esquerda, umas vezes por classes de tres, outras a um e um. E tudo ao mesmo tempo, conversando com o publico, dizendo os dias da semana em que nasceram os espectadores que lhe mencionavam as datas; finalmente, temperando a conversa com um ou outro gracejo que amenisa agradavelmente a aridez do assumpto. E d'este modo executou successivamente as seguintes operações:

Uma subtracção cujos termos tinham cada um 27 algarismos; Uma multiplicação cujos factores tinham cada um cinco algarismos; Uma somma de cinco parcellas cada uma de cinco algarismos; Uma outra subtração em que o additivo tinha nove algarismos e o subtrativo sete; A elevação ao quadrado do numero 12:111; A extracção da raiz quarta no numero 10.884.540:241, que disse ser 323, (e assim é); A extracção da raiz quinta do n.º 6:478.728:225, que disse ser 365, o que é exacto. Tudo isto é prodigioso! Lá dentro, n'um dos intervallos, pedia a toda a gente a data do seu nascimento e rapidamente dizia, com acerto, qual o dia da semana a que essa data correspondia. Deram-lhe tambem o seguinte problema:

«Decompôr o numero 168 em quatro partes, taes que a primeira mais 7, a segunda menos 7, a terceira multiplicada por 7 e a quarta dividida por 7 dêem o mesmo resultado.»

Inaudi pensou, conversou com um e com outro, e ao cabo de dois minutos respondeu: «O resultado é a 14; a primeira parte é, pois, 21, a segunda 7, a terceira 2, e a quarta 98. A somma d'estas quatro partes é 128.»

Asombroso, pois não?»

Paschoal Parente. — Fez no dia 9 103 annos que falleceu este distinctissimo poeta, na cidade de Coimbra. O infatigavel investigador sr. Martins de Carvalho, referindo-se a elle, escreve:

Era Paschoal Parente natural de Reslna, reino de Napoles, d'onde veiu para Coimbra, a convite do bispo D. Miguel da Annunciação, quando este prelado estava a fundar o seminario. Foi por Paschoal Parente pintada, a fresco, a cupula da egreja do seminario vendo-se ahi a Coroação da Santissima Virgem, as Tres pessoas da Santissima Trindade, muitos Santos do Testamento Velho, S. Miguel Archanjo e outros muitos Anjos. Estas pinturas foram ajustadas por Paschoal Parente com o reitor do seminario, pela quantia de 600$000, em 3 de julho de 1757. Além d'estas, fez Paschoal Parente outras pinturas no seminario. São tambem de Paschoal Parente tres muito apreciaveis retabulos da egreja de S. Bartholomeu; representando um o supplicio de S. Bartholomeu, outro o Christo cruxificado, e outro a Nossa Senhora. Foram pintados estes retabulos nos annos de 1776 e 1778. Fez Paschoal Parente, em 1777, uma pintura para a capella no palacete da quinta da Graciosa, representando a fugida para o Egypto. Em 1778 pintou Paschoal Parente um retrato do dr. Caetano Corrêa Seixas, para o convento das Carmelitas descalças de Vianna do Minho. Com a data de 1788 existe em arrecadação, na egreja de Santa Cruz, d'esta cidade uma pintura feita por Paschoal Parente, a qual nos parece representar a Exaltação da Cruz. Fez egualmente alguns quadros para a egreja de S. João d'Almedina, de Coimbra. Ha tambem na egreja do mosteiro de Lorvão algumas pinturas d'este artista. E' de Paschoal Parente o bello retabulo do altar mór da egreja do convento de Santa Thereza. Pela muita estima que as freiras de Santa Thereza tinham por este pintor, que morreu muito proximo d'aquelle convento, permittiram que elle fosse sepultado na sua egreja, onde jaz. Paschoal Parente fez uns quadros para a capella da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, junto á egreja do convento de S. Francisco da Ponte. Ajustou-os Paschoal Parente pela quantia de 28$800; mas em vez de receber essa quantia em dinheiro, preferiu entrar com ella para o numero dos irmãos d'essa irmandade, ficando tambem remidos todos os seus futuros annuaes.

Condemnados. — Das cadeias da Relação do Porto, seguiram ha dias para Lisboa, os seguintes condemnados:

Homicidio. — Antonio da Fonseca Duarte, da Moimenta da Beira, 8 annos de prisão cellular seguida de 12 de degredo, ou 25 de degredo; Antonio do Nascimento, da Pesqueira, 8 de prisão cellular seguida de 12 de degredo ou 25 de degredo; Antonio Manuel Caldeira, de Moncorvo, 8 de prisão cellular, seguida de 12 de degredo ou 25 de degredo; Antonio da Rocha Figueiredo, de Aveiro, 6 de prisão cellular ou 10 de degredo; Fortunato Monteiro, de Almeida, 8 de prisão cellular, seguida de 20 e na alternativa na de 28, com 9 de prisão no logar do degredo; Francisco dos Santos, da Pesqueira, 6 de prisão cellular seguida de 10 e na alternativa na de 30 de degredo; Manuel dos Santos Graça, de Vagos, 8 de prisão cellular, seguida de 12 ou 25 de degredo; José de Carvalho, de Chaves, 4 annos e 9 mezes de prisão cellular e na alternativa na de 8 de degredo; José Faustino Novo, de Aveiro, 6 de prisão cellular ou 10 de degredo; Manuel Gonçalves Mauricio, do Sabugal, 8 de prisão cellular seguida de 12 e na alternativa na de 25 de degredo; Manuel Joaquim de Moraes, de Valpassos, 8 de prisão cellular seguida de 12 e na alternativa na de 28 de degredo; Antonio Teixeira, de Armamar, 6 de prisão cellular seguida de 10 e na alternativa na de 20 de degredo.

Infanticidio. — Angelina Rita, de Taboa, 8 de prisão cellular seguida de 12 e na alternativa na de 25 de degredo; Claudina Augusta, de Lamego, 4 de prisão cellular e na alternativa na de 6 e meio de degredo; Anna Antonia, de Almeida, 8 de prisão cellular, seguida de 20 com um de prisão no logar do degredo e na alternativa na de 28 com 9 de prisão no logar do degredo; Joaquim Affonso, de Almeida, 7 de prisão cellular seguida de 12 e na alternativa na de 25 com 8 de prisão no lugar do degredo; Maria Leite, de Montalegre, 2 de prisão cellular ou 3 de degredo.

Ferimentos de que resultou a morte. — Agostinho Simões dos Santos, de Anadia, 4 annos de prisão cellular ou 6 de degredo; João Gonçalves da Silva, de Villa Verde, 3 annos e meio de prisão cellular ou 5 de degredo.

Tentativa de homicidio. — Manuel Pereira Arruda, do Porto, 2 annos de prisão cellular ou 3 de degredo.

Roubo. — Accacio Augusto, de Moncorvo, 3 annos de prisão cellular ou 5 de degredo; Antonio Pereira da Fonte, de Barcellos, 2 annos de prisão cellular ou 3 de degredo; Antonio Rodrigues da Costa, de Barcellos, 5 annos de prisão cellular ou 7 e meio de degredo; Antonio dos Santos, da Figueira da Foz, 6 annos de prisão cellular ou 9 de degredo; Domingos João da Cunha, de Estarreja, 5 annos de prisão cellular ou 7 e meio de degredo; Francisco José da Silva, de Chaves, 1 anno e 9 mezes de prisão cellular ou 3 de degredo; Guilherme Augusto, de Bragança, 8 annos de prisão cellular ou 12 de degredo; João de Araujo, de Barcellos, 4 annos e meio de prisão cellular ou 7 e meio de degredo; João Maria Simões, da Figueira da Foz, 6 annos de prisão cellular ou 9 de degredo; Joaquim Maria Fernandes Chapello, de Estarreja, 5 annos e 8 mezes de prisão cellular ou 8 annos e meio de degredo; Joaquim Maria Gambusino, da Figueira da Foz, 7 annos de prisão cellular ou 10 e meio de degredo; José Jocob de Carvalho, de Coimbra, 6 annos de prisão cellular ou 9 de degredo; José Maria da Cunha, de Estarreja, 5 annos e 4 mezes de prisão cellular ou 8 de degredo; José de Pinho Branco Cheta, da Feira, 6 annos de prisão cellular ou 9 de degredo; José Teixeira Guimarães, do Porto, 2 annos e 3 mezes de prisão cellular ou 4 de degredo; José Valente Barata, de Oliveira de Azemeis, 3 annos de prisão cellular ou 4 de degredo; Manuel de Jesus Gouveia, do Porto, 4 annos de prisão cellular ou 6 de degredo; Manuel da Silva Henriques, do Porto, 4 annos de prisão cellular seguida de 8 annos de degredo e na alternativa 15 de degredo; Paulo Madureira, da Figueira da Foz, 6 annos de prisão cellular ou 9 de degredo.

Furto. — Joaquim Paes de Souza, de Mangualde, 6 annos de prisão cellular ou 9 de degredo; José Maria de Araujo, de Villa Verde, 3 annos e meio de prisão cellular ou 5 de degredo; Manuel Rodrigues Gaspar, de Soure, 8 annos de prisão cellular ou 12 de degredo; Antonio Ferreira, do Porto, 2 annos de prisão cellular ou 4 e meio de degredo.

Offensas á moral. — Domingos José dos Santos, de Chaves, 3 annos de prisão cellular ou 5 de degredo; Manuel Joaquim Alves, de Villa Verde, 3 annos de prisão cellular ou 4 e meio de degredo.

Violação. — Francisco Manuel, de Mirandella, 5 annos de prisão cellular seguida de 8 ou 18 de degredo; José Joaquim Manta, de Gouveia, 4 annos de prisão cellular ou 6 de degredo; Manuel Esteves da Vinha, de Vizeu, 4 annos de prisão cellular seguida de 8 ou 15 de degredo; Manuel Simões Martha, de Cantanhede, 30 mezes de prisão cellular ou 4 de degredo.

Passador de moeda falsa. — João Alves, de Braga, 2 annos e 8 mezes de prisão cellular ou 7 e meio de degredo.

Offensas corporaes. — José Joaquim, o «Fadista», de Bragança, 2 annos e meio de prisão cellular ou 4 de degredo.

Envenenamento. — Rosa Pereira, de Barcellos, 8 annos de prisão cellular seguida de 20 ou 28 de prisão no lugar do degredo por 8.

Reincidentes. — João Antonio, o «Penetra», de Mogadouro, e José Soares, de Aveiro.

Descoberta archeologica. — As demolições que se estão fazendo nas obras do paço episcopal em Coimbra, fizeram descobrir amplas galerias subterraneas de notavel valor archeologico e de grande solidez. Suppõe-se, á primeira inspecção, que aquella construcção data d'época anterior á fundação da monarchia portugueza.

Despachos administrativos. — Effectuaram-se ultimamente os seguintes:

Antonio Augusto de Campos Andrade, exonerado, a seu pedido, de administrador de Cintra.

Amancio Rodolpho Pinheiro da Costa Ribeiro, administrador de Santarem, transferido para Cintra.

José Maria Cardoso de Seixas, nomeado administrador de Santarem.

Concurso. — Está a concurso o partido medico do Mogadouro, com o ordenado de 400$000 réis.

Noticias da Serra da Estrella. — Em 11. — Tem nevado. A temperatura baixa 5 graus abaixo de zero; ha dias desceu a 7. Os doentes vão melhor. Teem continuado, por pedido do sr. Cesar Henriques, as observações meteorologicas feitas simultaneamente no observatorio e em cada um dos locaes denominados Fornos, Tomagua, etc. Estas observações, que teem por fim procurar locaes mais abrigados dos ventos tempestuosos do que aquelle onde hoje está o sanatorio, fazem conhecer como excellente o sitio denominado Fornos. São observados Tomagua, etc. O ajudante do observatorio, é o sr. Antonio Prata Massano; no observatorio o director d'este, sr. Augusto Capello.

Noticias de Vianna. — São d'alli as seguintes:

Os vinhos verdes. — Continua a sentir-se a falta de compradores dos nossos vinhos verdes. Nas primeiras localidades vinhateiras do nosso districto, o commercio vinicola paralisou quasi por completo, limitando-se a pequenas compras para o consumo local. Esta circumstancia, que nos é affirmada por dois collegas de Monsão e Arcos, centros mais importantes d'esta região vinicola, mostra a necessidade instante de se olhar para este facto a fim de que não tenhamos a registrar uma tremenda crise, que virá abalar ainda mais o estado decadente da nossa agricultura. Reportamos-nos ás noticias dos nossos collegas de Monsão e Arcos.

Diz o *Alto Minho*:

«Consta-nos que paralisaram as compras do nosso vinho para exportação, devido aos altos preços do mercado. E' pois prudente e assim o aconselhamos para seu interesse, que os nossos vinicultores façam os preços mais rasoaveis e equitativos, a fim de que não vejamos desapparecer por completo esse grande concorrente. Oxalá pois attendam ao nosso appello.»

Diz o *Arcoense*:

«Continua paralisado o commercio de vinhos entre nós e não porque não haja compradores, mas porque os preços de offerta continuam muito elevados, apesar de já terem baixado alguma coisa. E' certo, porém, que a maior parte dos productores estão esperando ainda melhores preços e ou não pedem pelos seus vinhos ou pedem preços fabulosos. Parece-nos isto um erro de que se podem vir a soffrer as consequencias. Quer o commercio de exportação quer o interno, desesperados por não poderem fazer transacções, ou vão surtir-se a outra parte ou recorrem á falsificação, e o dinheiro que havia de vir para o concelho em troca d'este producto, não virá e fará bastante falta. Attentem n'isto os productores. Não são só os que têm vinho para vender que perdem. Perde em geral o concelho. Algumas transacções que se tem effectuado regulam entre 34 e 38$000 reis.

PELO ESTRANGEIRO

A exautoração do capitão Dreyfus. — Os jornaes francezes trazem longos pormenores ácerca da exautoração do capitão Alfredo Dreyfus, condemnado por traidor a deportação por toda a vida. A exautoração verificou-se, na parada da Escola Militar de Paris, sabbado, pelas 9 horas da manhã. Assistiram á exautoração contigentes de todos os corpos da guarnição de Paris. Para além do quadrado formado pelas tropas, a multidão era enorme. Quando o condemnado foi conduzido no meio de uma escolta para o sitio em que se ia verificar a exautoração, ouviu-se este grito sair da massa dos espectadores:

— A' morte á morte! Lida a sentença, o general Darras, fixando Dreyfus, disse-lhe:

— Alfredo Dreyfus, sois indigno de usar essa espada e essa farda. Em nome da lei vos exautoramos.

Dreyfus exclama, sem que se lhe note o menor tremor na voz:

— Estou innocente! Juro que estou innocente! Viva a França!

A multidão torna a gritar:

— A' morte o traidor!

Apresentou-se o sargento-ajudante da guarda republicana encarregado da triste missão da exautoração. Approximando-se do condemnado, arrancou-lhe os galões do kepi, os galões das mangas, os botões do dolman, a lista vermelha das calças e em seguida arrancou-lhe a espada, quebrou-a sobre o joelho lançando os dois pedaços ao chão. Terminada a exautoração de novo se ouvo o condemnado exclamar:

— Estou innocente! Viva a França!

A multidão, ao ouvir estas palavras, grita mais uma vez:

— A' morte o traidor!

Resta ainda ao condemnado passar por deante de seus camaradas e antigos subordinados, o que se realisa indo Dreyfus acompanhado de quatro soldados, um tenente e o sargento ajudante que o exautorára. Ao passar perto do grupo dos representantes da imprensa, Dreyfus disse:

— Dizei á França inteira que sou innocente!

Elevam-se algumas vozes que declamam:

— Miseravel! Judas!

E a multidão repete ainda o seu lugubre clamor:

— A' morte o traidor!

Pouco depois o condemnado é conduzido para um carro cellular, que parte para o servico anthropometrico e d'alli para a prisão da Santé. Fallando a alguns camaradas, Dreyfus declarou:

— Estou innocente. Se entreguei documentos ao estrangeiro, era para obter outros de maior *consideração*. D'aqui a tres annos saber-se-ha toda a verdade e o proprio ministro será o primeiro a mandar revêr o meu processo.

Escandalos mundanos em Londres. — Está causando sensação em Londres um processo verdadeiramente romantico, de que se occupam actualmente os tribunaes d'aquella capital. [illegible] posta pelo conde Alberto Nugent contra uma elegante, madame Claudia Augusta Nicolai, nascida em Ormonde afim de recuperar uma casa, situada em Brigthon que madame Claudia diz ter-lhe sido dada pelo conde. Os factos relativos d'este processo, e revelados na primeira audiencia são os seguintes: O conde de Nugent conheceu mademoiselle Nicolai em 1886; o conde tinha, então, mais de 60 annos e mademoiselle Nicolai contava apenas 20. A sua primeira entrevista, que foi perfeitamente casual, teve logar na estação de Charing-Cros, em Londres, e foi origem de uma longa intimidade, durante a qual o conde deu muito dinheiro á rapariga, mandando-lhe completar a educação nas grandes capitaes da Europa e acabando por fazel-a dama de companhia d'sua filha Josephina. Investida n'este cargo, madame Nicolai proferiu por diversas vezes palavras imprudentes, tomando uma attitude muito irrespeitosa. Madame Nicolai em 1886 escrevia ao conde: «Meu querido: Minha irmã encarrega-me de te enviar um carinhoso adeus; eu, porém, não posso cumprir esta commissão porque estou com ciumes de ti.» Depois escre[illegible] meu doce [illegible] amor [illegible] contrar-s[illegible] dizer a [illegible] fiad[illegible] sempre de que sou sua madrasta; de forma que é a mim que compete mandar,» e outras cousas de egual jaez. Chegou até a accusar a sua discipula de ter-se lhe querido impôr. Por muito tempo a familia Nugent se esforçou por arrancar o conde á seducção da sua companheira; tudo, porém, foi em vão. Convencido de que ninguem faria caso d'ella se elle morresse resolveu dar-lhe uma casa em Brigson, que com mobilia respectiva representava um valor de 240:000 francos e devia vir a pertencer aos filhos do conde. Em consequencia d'este facto os filhos intentaram uma acção que está junta ao processo. O conde depois lançou em rosto á amante o tel-o enganado, fazendo-lhe crêr que a elle só concedia os seus favores, quando o estava atraiçoando. No tribunal, onde o conde accusou formalmente sua filha de ter querido envenenar madame Nicolai, houve diversos desmaios e crises nervosas. Este lamentavel processo está sendo seguido com muito interesse pelo publico londrino, apaixonado de escandalos.

A festa das lanternas. — Como os chinezes, os japonezes tambem communicam por meio de musica, com as almas dos seus antepassados. Todos os annos se celebra nos cemiterios a *festa das lanternas*. Segundo a piedosa crença dos japonezes, essa festa é nem mais nem menos do que um grande congresso de almas. Tem ella lugar em fins de agosto, sendo n'essa occasião, segundo a crença, que todas as almas dos defuntos voltam á terra para tornarem a vêr aquelles com quem viveram e que amaram. Sobre os tumulos plantam-se bambús, nos quaes se dependuram longas filas de lampeões accesos, destinados a saudar com a sua luz as pobres almas invisiveis. Na noite do segundo dia festivo, quando, segundo a crença geral, os espiritos voltam para as regiões desconhecidas, constroe-se um pequeno barco de palha, enfeitado com lampeões e fogos de artificio. A' meia noite, levam-se estes barcos das almas em procissão solemne com musica e canticos para o mar, onde, impellidos pelo vento, dentro em pouco se incendeiam, apagando-se por fim, ao crepitar das chammas em contacto com a agua.

Coisas da China. — Ha na China uma instituição inviolavel, a dos censores do imperio, cuja missão consiste em criticar com perfeita independencia tudo quanto fazem os funccionarios, por muito altamente collocados que estejam. Até os actos do proprio imperador estão submettidos á censura. Para esse fim os ditos empregados são inviolaveis e inamoviveis.

Um d'esses funccionarios commetteu ha pouco a imprudencia de fazer constar officialmente a sua opinião, de que a imperatriz viuva se mettia demasiadamente nos negocios do imperio e que a sua influencia era perniciosa.

A imperatriz enfureceu-se e violando a inviolabilidade do censor, demittiu-o com a reserva mental de fazer com que lhe cortem a cabeça d'aqui a algum tempo. A propria imperatriz tambem mandou ha dias dar quarenta varadas a duas damas da côrte, que teem fama de ser beldades: são ellas as manas Chin e Chen, concubinas favoritas do imperador, e o seu delicto foi o de terem dado conselhos de caracter politico ao seu imperial amante.

Como se vê, a imperatriz viuva é uma mulher terrivel. A sua influencia é tão grande que se julga que é ella quem governa a China. A sua historia é curiosa e revela o seu caracter. Foi seu pae um empregado manchu, que tinha entre os seus companheiros fama de muito infeliz. Foram tão grandes as suas desgraças que no anno de 1838 estava elle em Cantão com sua mulher, um filho e uma filha e sem ter sequer dinheiro para comer, nem ao menos um amigo ou parente que o ajudasse.

Não querendo ver morrer sua filha, de fome, preferiu vendel-a a um mandarim rico e compassivo. A pequena era bonita, intelligente, e de caracter energico. O mandarim educou-a como se fosse sua filha. A sua condição de escrava conhecia-se apenas por ter os pés como os europeus, pois só ás raparigas livres é que são deformados os pés, para lh'os fazerem mais pequenos.

Tinha ella feito os quinze annos, quando o imperador publicou um edito, ordenando que todas as raparigas casadoiras de descendencia tartara, comprehendidas entre os dezoito e quinze annos, se apresentassem no palacio imperial de Pekin, para serem examinadas, afim do imperador escolher entre ellas as suas consortes e concubinas. A rapariga leu o edito e enviou o seu requerimento, pedindo para entrar no concurso. No exame physico, os medicos disseram que ella era uma mulher ideal, e no exame moral, os inquiridores affirmaram que era superior a tudo quanto tinham visto em sabedoria e intelligencia. Em resumo foi eleita para ser uma das esposas imperiaes. Uma vez em palacio, dedicou-se a fazer a côrte á imperatriz, e com tanta habilidade se houve, que dois mezes depois era a amiga intima e inseparavel da soberana consorte e vivia até nos mesmos aposentos que esta. A' força de vel-a e apreciál-a a todas as horas, o imperador enamorou-se d'ella e o fructo d'aquelle amor foi um filho. Passaram annos, e a imperatriz não dava á luz nenhum varão. A favorita aproveitou-se d'esta circumstancia para conseguir que o imperador proclamasse herdeiro o seu, e a ella lhe désse o titulo de imperatriz do Occidente, dignidade que a collocava ao mesmo nivel que a sua senhora, que por direito proprio era imperatriz do Oriente. Pouco a pouco foi-se apoderando do governo até ser dona absoluta do imperio, e conservando sempre a amisade da imperatriz legitima. Qando falleceu o imperador, subiu ao throno o filho da ex-concubina, governando esta como regente durante os quatorze annos da menoridade. Depois conservou egual posto com seu sobrinho, o monarcha actual.

Um actor assassino. — O actor de Londres Arthur Fagnacht, foi preso, sob accusação de ter assassinado a esposa. O cadaver da misera foi encontrado, ás duas horas da madrugada, coberto de sangue, á porta da casa onde ella vivia com o esposo. O actor nega ter matado a esposa, dizendo que ella n'um accesso de demencia ou de embriaguez o aggrediu e depois, querendo fugir, caiu pela escada, fazendo os ferimentos de que morreu. A policia porém tem indicios de que houve um assassinato.

Inverno. — Os jornaes hespanhoes dizem que continua a nevar em abundancia em todo o norte e centro da Hespanha, tendo alem d'isso havido fortes tempestades nas costas da Galiza e Mar Cantabrico.

Na Italia o frio é intensissimo; em Roma tem nevado constantemente, assim como em Turim e outras cidades.

Na França as tempestades de neve ainda não cessaram, continuado interrompida a circulação dos comboios em algumas pontes por causa da agglomeração de neves.

Na Hungria assignalam-se numerosos incidentes causados pela neve. As communicações realisam-se difficilmente e certas estradas estão completamente cortadas.

Na Grecia desencadeou se uma violenta tempestade, especialmente no mar Egeo, tendo occorrido muitos naufragios.

Na Inglaterra tambem tem havido tempestades e occorrido alguns sinistros maritimos.

Em Hull consideram-se como perdidos 17 barcos de pesca, dos quaes 5 a vapor, tendo todos uma tripulação computada em 100 homens.

Neves e temporaes. — O frio rigoroso que ultimamente nos persegue, tem-se sentido lá fóra de uma maneira extraordinaria. A neve ainda não deixou de cahir em abundancia. Ao norte e centro de Hespanha, nos Pyrineus, na França, em toda a Europa emfim, segundo as noticias que inserem os jornaes estrangeiros, além das nevadas ha a acrescentar os temporaes que tantos estragos têem motivado. Continúam interrompidas as communicações. Os comboyos circulam com difficuldade. De Santander dizem:

«Apesar dos esforços feitos pelo pessoal das machinas exploradoras, não tem sido possivel limpar as vias ferreas da neve para a passagem dos comboyos correios, achando-se alguns detidos e bloqueados em diversas estações». Na Galliza as nevadas são geraes. Em Murcia desencadeou-se um violento cyclone, que prejudicou muito os laranjaes.

Um despacho de Londres diz:

«Recrudesceu o temporal no canal da Mancha, havendo que lamentar novas desgraças e sinistros maritimos. Na ilha de Guernesey naufragou uma chalupa tripulada por seis homens, dos quaes apenas se salvaram dous.

Nice, cujo Céu é tradicionalmente favorecido pelo sol, tem estado coberta de um manto de neve, como Pariz, sua rival».

Entre feras. — O dramatico combate entre um leão e um touro, que ha tempo teve logar em Madrid, ficando vencedor o touro *Caminero*, vae ter continuação, mas d'esta vez a lucta será entre um touro e um tigre. A fera deverá vingar a derrota e a morte do leão *Regardé*. Qual dos dois adversarios sahirá vencedor da arena? Naturalmente os hespanhoes apostam em maioria pelo touro *Caminero* que é, dizem elles, admiravelmente armado para o combate, bravo a ponto de não recuar diante de coisa alguma, e finalmente o animal mais temivel da creação. E citam o seguinte facto considerado historico:

«Ha annos houve uma lucta entre um tigre de Benguela e um touro de Benjumea, sendo vencedor o ultimo. Os partidarios do tigre allegaram que a fera não seria vencida se não fosse a sua inferioridade manifesta causada pelo longo captiveiro que tinha soffrido, e os do touro proposeram-lhes uma desforra, dando-lhes o tempo necessario para procurarem um leão e um tigre recentemente capturados, e que seriam lançados ao touro um atraz do outro. A aposta foi acceite e, no anno seguinte, os terriveis combatentes encontraram-se na praça de Madrid. Depois de alguns minutos, *o touro Caramelo* deixou mal ferido o leão, que lhe tinham soltado em primeiro logar, e como o rei do dezerto, vencido, se recusava a sair da arena, o publico pediu que fosse tambem solto o tigre. As duas feras atiraram-se então sobre o touro que, furioso, carregou sobre ellas. Atacando e defendendo-se com raiva, fez por fim recuar até um angulo da arena os seus dois temiveis adversarios cobertos de sangue, despedaçados, venc[illegible] inutil é dizer que esta victoria foi acolhida com delirante enthusiasmo.

Palacio principesco. — Cornelius Vanderbilt, um americano opulento, inaugurou ultimamente um verdadeiro palacio, que mandou construir no Central Park, em New-York, e excede em ornatos, riquezas e maravilhas de arte muitas residencias reaes da Europa. O palacio custou réis 4.500:000$000. A sala de baile, em estylo Luiz XI, é a joia da principesca morada. Tem 25 metros de comprido por 17 de largo. O tecto foi pintado em Paris por Todouze. Representa vinte ou trinta nymphas embaladas por zephiros. Esta sala é illuminada por lampadas electricas ao centro de flôres esculpturadas e por um lustre de crystal feito em Paris e que é uma maravilha.

SECÇÃO SCIENTIFICA

(APONTAMENTOS)

Graças aos cuidados especiaes, que actualmente se estão empregando na desinfecção das casas e das roupas dos enfermos atacados de doenças de caracter infecioso é verdadeiramente notavel o decrescimento na mortalidade produzida por taes doenças. Os progressos da hygiene podem determinar quasi o desapparecimento d'algumas d'essas affecções contagiosas. Deve-se-lhes a extincção, por assim dizer completa, da lepra e desapparecimento da peste. O microbio pathogenico não é o unico inimigo que devemos temer, e contra o qual a hygiene deve armar-nos com todos os meios de defeza. Muitos aperfeiçoamentos das industrias teem feito multiplicar os perigos d'intoxicação, devidos principalmente ás tintas, com que são preparados determinados objectos de vestuario. A anilina, a fuschina e a coralina conteem substancias venenosas e produzem frequentemente inflamações na pelle de maior ou menor gravidade. Além dos perigos, que podem derivar dos envenenamentos, ha-os tambem produzidos por queimaduras. Os artigos de *toilette* feittos de celluloide são especialmente perigosos. A celleloide, composta de camphora e de algodão polvora, é nalleavel e presta se a tomar differentes côres por forma que emite a tartaruga e o marfim. Fabricam-se com este producto collarinhos, pentes, alfinetes para cabeça, etc. Como é altamente inflamavel, percebe-se quanto se torna inconveniente o seu emprego. O mesmo póde dizer-se d'alguns tecidos para vestuario facilmente inflamaveis. Para estes casos é que deve recommendar-se que logo que pegue o fogo ao fato, a pessoa atacada tem de lançar-se por terra e assim aquelle promptamente se extinguirá. Se, porém, começar a correr e abrir as portas e janellas gritando por socorro, transformará em pouco uma queimadura simples n'uma catastrophe irremediavel.

*

Começa a fazer-se em França uma propaganda activa no sentido de serem exploradas as differentes lagôas d'aquelle paiz, com o que podem conseguir-se explorações agricolas, que deveriam trazer um contingente importante ao desenvolvimento da agricultura e á facilidade de alimentação publica. Actualmente o rendimento de uma lagôa não passa alli de 60 francos em média por cada hectare. Este valor subiria de ponto estabelecendo-se alli a cultura intensiva dos salmonides de origem americana. Ha mais de dez annos que Jousset de Bellesme tem creado no aquarium do Trocadero as especies importadas da America pela Sociedade d'Acclimatação. O *salmo quinnat* ou salmão da California dá-se perfeitamente nas aguas francezas. A sua carne tem muito agradavel sabor, e possue, assim como a truta, a grande vantagem de poder dar uma colheita annual, bastante remuneradora. Para a cultura em lagôas precisavam-se precauções muito especiaes. M. Bellesme recommenda que se disponham as coisas por fórma que se produza em junho uma abundante quantidade de carpas, mugens, tencas, etc., que devem servir para alimento dos salmões. Desde junho até dezembro, graças a esta abundante alimentação, os salmões alcançam facilmente o pezo de 200 grammas e podem ser vendidos por um preço bastante elevado. A truta não se presta tão facilmente a esta cultura. Resta agora saber-se se esta cultura intensiva dos salmonides é bastante remuneradora. Feitos os calculos rigorosos, tem-se apurado que em cada hectare de superficie d'agua, podem crear-se pelo menos mil salmões com cerca de 200 grammas cada um, podendo produzir a receita bruta de 1:600 francos por anno. Abatidas as despezas d'exploração que devem orçar por quantia pouco superior a 300 francos, veja-se que enorme margem de lucros fica ainda! Ora porque será que no nosso paiz se não procura estabelecer tambem semelhante industria? Um dos nossos mais distinctos officiaes da armada, sr. Baldaque da Silva, tem-se occupado com desenvolvimento de tal assumpto, mas suppômos que os louvaveis esforços de este cavalheiro não tem conseguido chamar a attenção dos governos nem dos particulares.

*

A Africa e a America não se contentam em inundar os mercados europeus com cereaes e carnes, por preços que arruinam os agricultores. Começam tambem a enviar para aqui porções enormes de productos horticolas, que até ha pouco só muito excepcionalmente appareciam na Europa.

Um agricultor do Cabo da Boa Esperança offereceu-se ha pouco para fornecer aos mercados de Londres quatrocentos a quinhentos mil kilos de tomates. A America do Norte exportou tambem no outomno passado para cima d'um milhão de barris de maçãs. Mas nada d'isto é comparavel ainda com a inundação de laranjas da California, que está imminente. Só o districto de S. Francisco exportou vinte e seis milhões de laranjas em 1890; sessenta mil em 1893 e, em vista das plantações já feitas, suppõe-se para 1897 uma exportação de duzentas mil tonelladas. Apesar das despezas, de colheita, de encaixotamento e de transporte, fica ainda um importante lucro.

*

O celebre millionario americano Vanderbilt acaricia agora o engenhoso projecto de reunir n'um parque que possue em Rhode-Island, todos os animaes da creação, convertendo o assim n'uma verdadeira arca de Noé. No parque de Vanderbilt já se encontram, entre outras especies raras, um rato egypcio. Os americanos protestam contra a introducção no seu paiz d'este animal, que é extremamente devorador e que vae comendo debaixo da terra tudo o que póde convir-lhe, e que sendo extremamente prolifico, muito ha que receiar dos estragos produzidos por elle e pela sua progenie, quando para mais não encontram na America os seus inimigos naturaes que perseguem no paiz, d'onde são originarios. Na Jamaica fez-se ha annos a introducção d'esta especie com o fim de destruir as ratazanas. Effectivamente estas desappareceram, mas em compensação os seus perseguidores atacaram as colheitas e o resultado foi deploravel. As preoccupações dos americanos teem fundamento, como acabamos de vêr, e

orna-se necessario uma prudencia extrema na importação de certas especies vegetaes ou animaes. *Op.*

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Fez annos na proxima passada quinta-feira a sr.ª D. Anna Augusta Regalla, interessante filha do nosso estimavel amigo e medico da real camara, sr. dr. Luiz Regalla.

— Fez annos no proximo passado dia 10, a sr.ª D. Maria do Amparo P. da Cruz, esposa do nosso bom amigo e illustrado clinico d'esta cidade, sr. dr. Pereira da Cruz.

— Fez tambem annos n'esse dia a sr.ª D. Severina de Moraes Ferreira, filha do nosso amigo, sr. Miguel Ferreira d'Araujo Soares.

Pelouros municipaes—Na sua ultima sessão, a camara municipal d'este concelho procedeu á eleição da presidencia e vice-presidencia, que recahiu nos cavalheiros que já exerciam aquelles cargos, os srs. dr. Jayme Lima e dr. Alvaro de Moura, procedendo tambem á divisão dos pelouros, que ficou feita pela seguinte forma:—Azylo Escola Districtal e viação, dr. Alvaro de Moura; fiscalisação, Antonio Maria A. da Rosa; illuminação e feiras, Francisco Elias Gamellas; fontes e lavadouros, Carlos Mello; cemiterio, jardim e viação urbana, João Francisco Leitão; edificios municipaes, J. A. Marques; caminhos e cemiterios parochiaes de Nariz e Palhaça, Domingos Ferreira da Silva; idem idem de Eirol e Requeixo, Antonio F. M. Mostardinha; matadouro e talhos, Manuel Gonçalves Netto.

Brincadeira... innocente.—Um pobre de espirito disse para ahi que no vivorio entoado ha dias pelo rapazio fora tambem contemplado o governo. Engano d'orelha, de certo, porque ninguem em Aveiro teria a coragem de soltar um viva em honra dos algozes da liberdade. O que se ouviu sim foram alguns vivas á republica. A esta afinação leva o povo o governo nosso senhor.

Que patriotas!—Queriam festa de badalo no campanario municipal os promotores da tocata arranjada por ser mentira que o governo pensasse em supprimir o districto! E disseram ainda os ingenuos que representaram na ridicula comedia que fôra o sr. vice-presidente da vereação que se oppozera áquella tontice que só podia ter nascido em cerebros enfermiços.

—Era mentiroso o boato? Repique o carrilhão municipal, que assim o exigem os que andavam alegres soprando os dedos com este frio de janeiro. Mas porque não haviam de repicar os sinos? Fizessem a vontade aos que por pirraça ás suas velhas opiniões metteram o sr. Jayme n'aquellas dansas. E se elles subissem á torre de noite? Ai Christo chagado! então é que se haviam d'ouvir solfas, hymnos e até minuetes, capazes de ensurdecer a visinhança! Do que se livraram os moradores das ruas de Santa Catharina, Anselmo Braamcamp, e até os pobres enfermos do hospital da misericordia! Tudo por amor de uma balela que não valia mais que o telegramma do sr. João Franco. Ora sejam ridiculos á sua vontade mas não associem a elles o pobre ministro do reino, que só teve o trabalho de... de desmentir-se a si proprio.

Aguenta!—O sr. commissario de policia está na berlinda porque se acha em exercicio. Se estivesse fóra do termo, então é que correria tudo bem, porque teria deixado a outro o seu logar. Por causa do penacho ardeu Troya, e não é muito que um commissariado renda descomposturas por não haver policia por toda a parte. Muito invejoso come o pão do Senhor!

Fallecimento.—Está de luto o sr. commendador Luiz Ferreira Brandão. Este nosso estimadissimo amigo acaba de perder sua ex.ma esposa, que era um exemplar de virtudes. A sr.ª D. Maria Barbosa Ferreira Brandão soffria ha muito, e estava quasi como impossibilitada para a vida. Apezar d'isso dirigia ainda a sua casa e com os seus grandes meios fazia bem a muita gente.

E' golpe profundo o que acaba de ferir o sr. commendador Ferreira.

Acompanhando-o na sua profunda dôr, cumprimos apenas dever de velha e provada amizade.

Mais.—Acaba de fallecer na sua casa de Pecegueiro o sr. commendador Antonio Martins Henriques. A noticia surprehende-nos e entristece-nos. Amigos do illustre extincto, compunge-nos ter de noticiar a morte de um dos cavalheiros mais prestimosos do districto. Faltos d'espaço para dizer detidamente das suas qualidades e dos seus meritos, pois que recebemos a noticia ao fechar do jornal, limitamos-nos a dizer, que é de Deus a alma d'um benemerito, que foi para a sua terra um protector desvelado, um modelo de caridade, um exemplar de prestimo e de bondade.

De Deus é a sua alma. De todos os que o conheciam a dôr e a saudade.

A todos os seus, aos que mais perto lhe estão pelo sangue, a expressão mais intimamente sentida da nossa dôr.

Illuminação publica.—Continuam as reclamações, porque nem depois do que se tem feito por parte da camara, as coisas entraram ainda na devida ordem. Agora surgem tambem protestos contra os contadores, que accusam sempre um gasto extraordinario de gaz, que se não consome. Isto não póde ser. A direcção da Companhia, que sabemos ser extremamente zelosa e cumpridora, não deseja o sacrificio do publico. A fabrica é que não cumpre, talvez, e contra ella é que as reclamações se levantam. A camara resolveu já mandar aferir todos os contadores por pessoa competentemente habilitada, e n'isso presta um bom serviço publico.

Aviso aos interessados, que terão apenas de fazer na secretaria municipal a requisição de que pretendem os seus contadores aferidos.

Récita particular.—No dia 3 do corrente teve logar, n'uma das salas da casa do sr. Jacintho Agapito Rebocho, uma récita, em que entraram as meninas: Maria das Dores Peixoto Beleza, Maria Luiza Rangel de Quadros Monteiro Rebocho, seus irmãos, Maxima e Clementina, e o menino Alfredo, ambos dos mesmos appelidos. Levaram á scena a comedia—*A Vizinha do 5.º Andar*, (de Diogo José de Macedo); a poesia—*A Salineira*, (de Bernardo de Magalhães), recitada pela menina Maria das Dores, que mostrou muita intelligencia; a *Camponeza*, (de Faustino Xavier de Novaes), pela mesma e pela menina Maxima; a *Feliz decisão*, entreacto, (de Guerra Leal), pelos irmãos, mostrando grande habilidade o menino Alfredo, apesar de contar, apenas, nove annos; o *Consorcio feliz*, comedia em verso (de Rangel de Qdadros), em que entraram, como na primeira comedia, as tres meninas, revelando todas grandes tendencias para a arte dramatica. O espectaculo terminou pela scena comica—*Uma creada innocente*, (de Rangel de Quadros), escripta expressamente para esta occasião. Foi recitada pela menina Maria Luiza, que foi muito applaudida, assim como o foram, e com justo motivo, todos os que tomaram parte em tão agradavel diversão. Recebam, pois, os nossos sinceros e affectuosos parabens, assim como as respectivas familias.

Foi ensaiador o nosso amigo e esclarecido collaborador, sr. Rangel de Quadros, que no fim do espectaculo recebeu justos applausos e um lindo ramalhete, offerecido por seus sobrinhos e por a menina Maria das Dores.

Foi uma festa puramente familiar, mas que deixou gratas recordações a todos os que a ella assistiram.

Bombeiros voluntarios.—Passa ámanhã o 14.º anniversario da formação e constituição d'este benemerito corpo de salvação publica, decerto a mais sympathica e a mais prestante instituição d'esta terra. Na sua curta existencia, grandes e valiosos serviços prestou já na salvação de vidas e haveres.

A companhia, que ha tempos vinha luctando com difficuldades graves, vae agora libertando-se de todas ellas, e atravessa, graças aos exforços do seu dignissimo commandante, sr. João Bernardo Ribeiro Junior, um periodo mais desafogado, introduzindo melhoramentos importantes nas diversas secções.

Para commemoração d'aquella data, a da sua instituição, a companhia prepara para ámanhã alguns festejos. Agradecemos o convite que para elles nos foi feito.

Eleições.—A'manhã, pelas 10 horas da manhã, terá logar na egreja parochial de Nossa Senhora da Gloria, a eleição da meza directora da confraria do Santissimo Sacramento da mesma freguezia.

De tarde, pelas 2 horas, effectuar-se-ha na mesma egreja a eleição da direcção da irmandade do Senhor Jezus dos Passos.

Aggressão a um official.—*Guarda, 11.*—O capitão Xavier de Carvalho, director das obras publicas d'este districto, foi hontem á noute violentamente espancado no hotel Mello, por um seu subordinado, sargento da reserva. Este foi logo preso.

Os caixeiros em Lamego.—Os empregados do commercio d'aquella cidade conseguiram o encerramento das lojas ao domingo, de tarde. E' susto.

Previsão do tempo.—Segundo annuncia Noherlesoom, é hoje que em Portugal, se accentuará mais a chuva, a qual se estenderá até á Andaluzia. Do dia 12 a 14 as depressões serão pouco sensiveis em Hespanha, começando no dia 15 uma mudança de regimem na região occidental, que tornará a produzir mau tempo.

Despachos ecclesiasticos.—Fizeram-se os seguinte:

O revd.º Joaquim d'Oliveira Xavier, apresentado na egreja de Santa Margarida da Fundada, na diocese de Portalegre.

O revd.º Agostinho Salvador Ferreira, idem, na egreja de Santa Maria de Sandim, diocese de Lamego.

CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA & COMPANHIA

85, 287, 289, 291, 293—RUA DO OURO

LISBOA

ANNUNCIOS

VENDA DE CASA, EM AVEIRO

VENDE-SE a casa n.º 101 da rua Anselmo Braamcamp, antiga rua Direita. Trata-se com os donos da mesma casa.

MADEIRA

VENDE-SE (sem ganho) uma porção de madeira, secca, boa, propria para edificações. Consta de traves, tabiques, barrotes, gueiros, penduraes, etc. Trata se na rua Direita, 101, Aveiro.

BOM EMPREGO DE CAPITAL

VENDE-SE uma morada de casas altas com quintal, poço e mais pertenças, sita na rua da Cadeia, d'esta cidade, com frente para a rua da Sé e travessa do Loureiro. Quem pretender compral-a pode dirigir-se a Joaquim Maria dos Reis Santo Thyrso, que se acha auctorisado a vendel-a.

CASA PARA VENDER

VENDE-SE a casa do alto da rua de José Estevam, que faz esquina para a Travessa da Vera-Cruz—casa em que ainda ha pouco habitou o sr. Fernando Nogueira. E' casa com accommodações para uma familia e com lojas para negocio. Quem a pretender pode fallar com Bernardo Antonio da Graça, na mesma rua.

NOVA COMPANHIA DA FUNDIÇÃO DO OURO

PROPRIETARIA DA

FABRICA DE FUNDIÇAO DO OURO

SITA EM LORDELLO DO OURO—RUA DO ALEIXO

PORTO

A **Fabrica de Fundição do Ouro** acha-se dotada de novas e importantissimas machinas auxiliadoras do trabalho, que a tem habilitado para construcções rapidas e da maior importancia para as necessidades das nossas industrias e da nossa agricultura.

Tem construido machinas de vapor de varios systemas, estando em construcção os n.os 102 a 104 e caldeiras geradoras de vapor dos n.os 112 a 114. Estes numeros são a prova mais convincente dos creditos adquiridos pela **Fundição do Ouro** como constructora d'obras mechanicas da maior importancia, e attestam que os seus trabalhos não desmerecem no aperfeiçoamento devido a essas construcções.

As prensas tódas de ferro, de grande pressão (250:000 kilos) **para extrahir azeite do bagaço das azeitonas** acabam de receber um importante melhoramento, que faz subir o parafuso mais rapidamente, livre do roquete.

Ainda até hoje fabrica alguma tem construido prensas que tirem o merecimento a estas.

Porto, 26 de setembro de 1894.

O director gerente e fundador da fabrica, *Luiz Ferreira de Souza Cruz.*

LECCIONISTA

O capitão de cavallaria, Antonio Baptista Lobo, achando-se desembaraçado do serviço do exercito, avisa os srs. estudantes de que vae reabrir as suas aulas de Historia e Geographia, e introducção (curso completo), de cujas disciplinas tem um longo tirocinio no serviço. Pode tambem dar explicações de mathematica. Os srs. estudantes que necessitarem dos seus ensinos podem procural-o em sua casa na rua da Estação das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, ou a qualquer hora.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

Loterias á venda n'esta casa

2.ª GRANDE LOTERIA DO ANNO NOVO

17 DE MARÇO

Sorte grande	40:000$000
Immediata	12:000$000
Terceiro	4:000$000

Todos os pedidos dirigidos a esta casa para todas ou para qualquer d'estas loterias são satisfeitos á volta do correio.

O Cambista Testa acceita agentes nas provincias para a revenda de bilhetes e cautelas e offerece boas vantagens.

Dirigir ao

Cambista TESTA

LISBOA

UNGUENTO SANTO

preparado na

Pharmacia Barral

HERPES, EMPIGENS, DACTROS, SARNA, E QUAESQUER OUTRAS AFFECÇÕES CUTANEAS curam-se com o uso d'este unguento.

Trinta annos de bom exito, são os attestados mais valiosos que podemos apresentar para provar a sua efficacia.

—=(*)=—

Xarope Peitoral

(CODEINA E TOLU)

Empregado com bom resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES, LARYNGITES, ASTHMA, TOSSE CONVULSA, PNEUMONIA, TISICA, etc., etc.

PHARMACIA BARRAL

126, Rua Aurea, 128

LISBOA

LECCIONISTA

JOAO Maria Pereira Campos Junior, reabriu as suas aulas de instrucção primaria, portuguez e francez, bem como um curso de habilitação para os exames dos candidatos ao magisterio primario.

Todos os alumnos leccionados pelo annunciante obtiveram approvação nas referidas disciplinas.

Admitte alguns alumnos internos de idade até 12 annos.

Morada—Bairro Novo do Rocio —Aveiro.

CHA' PURGATIVO

(Systema Chambard)

De todos os purgantes conhecidos é este o mais agradavel.

—=(*)=—

CAPSULAS DE GUAYACOL COMPOSTAS

Usadas com grande resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES CHRONICAS, LARYNGITES, ASTHMA, TISICA, em todos os graus, TUBERCULOSE, etc.

PHARMACIA BARRAL

126, Rua Aurea, 128

LISBOA

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

INSTRUMENTOS DE ELETRICIDADE

COLLOCAM-SE campainhas eletricas, botões de chamadas, quadro indicador de chamadas, porta-vozes, etc.

Observam-se e concertam-se, todos os instrumentos eletricos de qualquer systema, tanto em Aveiro como fóra d'esta cidade.

Dirigir carta a Antonio Maria Duarte, estação telegrapho-postal—AVEIRO.

As pessõas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR DEHAUT DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario. 5 fr. e 2 fr. 50

Auctorisado pelo Tribunal do Contencioso technico na sessão de 27 de junho de 1893.

OS ORPHAOS DE CALECUT

ROMANCE HISTORICO MARITIMO

ORIGINAL DE

H. LOPES DE MENDONÇA

Um lindo volume adornado de magnificas gravuras a côres, desenhos do distincto pintor João Vaz. E' um dos romances que melhor acceitação tem tido em Portugal. Esplendido enredo, commovedoras scenas dramaticas, sobresahindo a descripção da heroecidade da mulher portugueza que atravessa todos os perigos para ir á India em busca dos filhos queridos que lá tinham ficado sem pãe, que os mouros mataram em rija peleja.

Um elegante volume 800 réis. Pelo correio 850 réis. Por assignatura 60 réis cada semana. As gravuras são offerecidas como brinde a todos os assignantes. Dirigir pedidos a qualquer livraria do Porto ou da provincia, ou á Empreza Editora Mello d'Azevedo & Comp.ª, 147, Rua dos Retrozeiros, 147, Lisboa.

Está já a imprimir-se o bello romance original de D. João da Camara intitulado

EL-REI

Seguindo-se outros romances dos eminentes escriptores: Pinheiro Chagas, Antonio Ennes, Souza Monteiro, Visconde de Castilho, Zepherino Brandão, etc. Tudo romances genuinamente portuguezes, adornados com formosissimas gravuras a côres, que são offerecidas como brinde a todos os assignantes.

Em Aveiro é correspondente da Empreza o sr. Fontes & C.ª.

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL

Lei de 28 de junho de 1894, e respectivo Regulamento, approvados por decreto da mesma data, contendo as tabellas necessarias, taxas segundo as ordens das terras, etc.

Acha-se publicada esta obra, cujo conhecimento é sobremaneira interessante a todas as classes industriaes, fabris, commerciaes, artes e officios. Estudando-a, fica sabendo o contribuinte quaes as obrigações que tem a cumprir e que direitos lhe assistem para evitar injustiças e aggravos tributarios. A edição é sobremaneira economica, e por tão diminuto preço é a «unica» que se encontra no mercado. Cada exemplar custa apenas 200 réis; pelo correio, 220.

Aos revendedores desconto vantajoso, não sendo os pedidos inferiores a 10 exemplares. Remette-se para a provincia a quem enviar 210 réis, em estampilhas, ao editor A. José Rodrigues, rua da Atalaia, 183, 1.º — Lisboa.

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes e mechanicos**, assim como **meias elasticas, suspensorios escrotaes**, etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos e fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista**, fazendo o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, portanto, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchite, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.*; 20 annos de [illegible] efficacia d'este excellente derivativo, recommenda[illegible] Paris.

[illegible] pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31

CONSULTORIO MEDICO-CIRURGICO

DE

ARMANDO DA CUNHA AZEVEDO

Rua dos Mercadores, n.º 10—1.º andar

AVEIRO

NOVIDADE

PORTUGAL E BRAZIL

Apontamentos para a historia do nosso conflicto com a Republica dos Estados Unidos do Brazil

POR

AUGUSTO FORJAZ

Este livro torna-se necessario a todos que quizerem saber dos factos occorridos no Rio de Janeiro e Buenos-Ayres durante a permanencia alli das corvetas *Mindello* e *Affonso de Albuquerque*, do procedimento dos officiaes da armada Augusto de Castilho e Francisco Oliver, e de tudo quanto se relaciona com o processo d'estes officiaes.

São, entre outros, documentos elucidativos d'este livro, correspondencias de Buenos-Ayres, commentarios dos jornaes *Siècle, Matin, Economista, Seculo, Tarde* e *O Paiz*—manifesto de Saldanha da Gama—Cartas authenticas de Augusto de Castilho e Visconde da Ribeira Brava—Artigos de Rodrigues de Freitas e Conselheiro Martens Ferrão e a «Desaffronta», opinião do governo brazileiro.

PREÇO 200 RÉIS

A' venda nas principaes livrarias e kiosques de Lisboa, Porto, Coimbra, etc.

Remette-se um exemplar a quem mandar pelo correio em estampilhas 220 réis a Castro & Irmão, Rua do Marechal Saldanha, 31-33.—LISBOA.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos éstomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal do Ribeiro Junior.

CONTRA MILD[illegible]

ENXOFRE[illegible]

A melhor preparação cuprica [illegible] o tratamento da mais seg[illegible] Mildio por mais violentos que seja[illegible] xofre simples, como provam á evid[illegible] folheto contendo indicações pratica[illegible] to absolutamente efficaz e estamp[illegible] gratis a quem o pedir

SULFATO [illegible]

DE PUREZA [illegible]

PULVER[illegible]

Dos melhores auctores de 85[illegible] Pedidos á Companhia Portug[illegible] po Pequeno, 17, escriptorio Rocio, [illegible]

FABRICA DE PRO[illegible]

PHARMAC[illegible]

RUA 24 DE JULHO [illegible]

A. DA CUNH[illegible]

N'ESTA fabrica preparam-se já os se[illegible] ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, [illegible] salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANT[illegible] pó, dito frasco de [illegible] de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupalnina e cubebas, ergotina 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hypophosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtol, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (J. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos.—RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100 (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas [illegible] delo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e desconto[illegible]

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as [illegible] sitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são inefficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pós de Keating.

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYEIS, para desinfectar casas e atrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias.—Preço 240 réis.

VERMIFUGO DE B. L. FAHNESTOCK

E' o melhor remedio contra lombrigas.

O proprietario, estando inteiramente satisfeito da impossibilidade de que o remedio falhe, offerece-se para restituir o dinheiro, caso o doente tenha lombrigas e tenha seguido as instrucções, e o remedio não tenha dado resultado.

SABONETES DE GLYCERINA

MUITO GRANDES, MARCA CASSELS

Amacia a pelle

A MELHOR QUALIDADE

PREÇOS BARATOS

Vendem-se nas principaes pharmacias e drogarias.

Os representantes **James Cassels & C.ª**, rua do Mousinho da Silveira, 85, 1.º—PORTO.

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração: Rua da Vera-Cruz, Aveiro.